



**Universidade de
Aveiro
2015**

Departamento de Línguas e Culturas

**Ana Margarida
Crespo Godinho
de Oliveira**

**A Negação nos Provérbios:
Uma Abordagem na Aula de Português**



**Universidade de
Aveiro**
2015

Departamento de Línguas e Culturas

**Ana Margarida
Crespo Godinho
de Oliveira**

**A Negação nos Provérbios:
Uma Abordagem na Aula de Português**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas, realizada sob a orientação científica do Dr. António Barreira Moreno, Professor auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho à Inês e ao Henrique.

O júri

Presidente

Professor Doutor Paulo Alexandre Cardoso Pereira
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Professora Doutora Cristina Maria Moreira Flores
Professora Auxiliar da Universidade do Minho (arguente)

Professor Doutor António Barreira Moreno
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro (orientador)

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço ao Professor Doutor António Barreira Moreno pela cordialidade com que me acolheu e acompanhou ao longo da realização deste trabalho, não esquecerei as suas observações críticas e sempre pertinentes que me proporcionaram gratificantes momentos de redescoberta e aprendizagem.

Agradeço aos meus pais e aos meus irmãos por todos os valores que me transmitem e pelo apoio incondicional que têm manifestado, etapa após etapa, no decurso da minha vida.

É com orgulho que enalteço o carinho e o incentivo dos meus filhos, especialmente nos momentos mais difíceis em que se mostraram confiantes, pacientes e compreensivos.

Finalmente, agradeço ao Fernando, que tudo fez para que eu reunisse as condições necessárias para levar a cabo este estudo. O seu estímulo merece toda a minha gratidão.

Palavras-chave

Negação, marcadores, operadores, morfologia, sintaxe, semântica, enunciação, ensino da língua.

Resumo

Com a presente dissertação pretendemos demonstrar que a abordagem da negação, enquanto processo linguístico, deverá contemplar a amplitude das suas realizações sintáticas, morfológicas, lexicais e enunciativas. Pela sua preponderância na interação discursiva, consideramos fundamental sistematizar os mecanismos através dos quais este sistema se realiza na norma do português europeu e demonstrar a sua ocorrência num *corpus* amplo, autêntico e facilmente reconhecido pela maioria dos falantes do português.

Entendendo os provérbios portugueses como documentos de elevado interesse cultural e linguístico, examinamos os diversos processos que, num conjunto selecionado de textos, permitem marcar os valores negativos. Neste estudo, é possível observar que as construções que compõem os textos proverbiais portugueses possuem um enorme potencial enunciativo que se manifesta, sobretudo, ao nível da interpretação, da inferência e da argumentação.

Seguidamente, com o intuito de ajudar a promover as competências comunicativas dos alunos, perspetivamos uma abordagem destas temáticas ao longo da escolaridade obrigatória, assente nas orientações que emanam do Programa e das Metas Curriculares de Português, atualmente, em vigor. Os exercícios propostos e aplicados são meramente ilustrativos, todavia as conclusões decorrentes podem ser um indicador válido para futuras atuações.

Keywords

Negative form, markers, operators, morphology, syntax, semantics, enunciation, language teaching.

Abstract

The present dissertation aims to demonstrate that the negation approach, as a language process, should contemplate the amplitude of its syntactic, morphological and lexical procedures and enunciation achievements. Due to its preponderance in the speech interaction, we consider essential to systematize the mechanisms by which this system is based on the norm of European Portuguese and analyse how it's used in a large and authentic corpus that will be easily recognised by most of the portuguese speakers.

Knowing that portuguese proverbs are documents of great cultural and language interest, we studied several processes which allow us to select the negative values in a selected group of texts. In this study, it is possible to observe that the constructions forming the portuguese proverb texts have a great expressive potential which can mainly be seen in interpretation, inference and argumentation processes.

With the aim of helping to promote communication skills by young students, we then predict the approach of these themes during compulsory education, which is founded on the orientations emerging from the Portuguese Program and Curricular Targets currently in force. The proposed and applied exercises are purely illustrative. However, the conclusions which arose from these exercises can be a valid indicator for future performances.

ÍNDICE

LISTA DE ABREVIATURAS	x
Introdução	1
Capítulo I - A negação em português	
1. Considerações gerais	5
2. O conceito de negação	8
3. Principais características da negação em português	12
4. Tipos de negação	14
4.1. Negação sintática e os seus subtipos	14
4.1.1. Negação oracional	14
4.1.2. Negação de constituintes	19
4.2. Negação morfológica	23
4.3. Negação lexical	24
4.4. Negação enunciativa	25
5. Outras construções associadas à negação	33
5.1. Dupla negação	33
5.2. Polaridade negativa	33
5.3. Coordenação com elipse	35
5.4. Negação expletiva	36
6. Considerações finais	38
Capítulo II – A negação nos provérbios portugueses	
1. Considerações gerais acerca deste estudo	40
2. Identificação do <i>corpus</i> em análise	42
3. Características gerais do texto proverbial	43
4. Análise descritiva da ocorrência da negativa em provérbios	45

4.1. Negação sintática em provérbios	45
4.2. Negação morfológica em provérbios	52
4.3. Negação lexical em provérbios	53
4.4. Negação enunciativa em provérbios	55
4.5. Coordenação com elipse em estruturas proverbiais	57
4.6. Negação expletiva em provérbios	57
4.7. Estrutura [não há x sem y]	58
5. A coocorrência de diferentes tipos de negação	61
6. Considerações finais	63
Capítulo III – Pistas para o estudo da negação em provérbios na aula de Português	
1. Fundamentação da abordagem pedagógica	65
2. Documentos orientadores para o ensino do Português	68
2.1. Conteúdos programáticos	69
2.2. Descritores de desempenho	77
3. Propostas para a integração dos conteúdos na prática letiva	80
3.1. Considerações sobre a aplicação dos exercícios	86
4. Considerações finais	89
Conclusão	91
Referências bibliográficas	94
Anexo	96

LISTA DE ABREVIATURAS

ADJ	adjetivo
DT	Dicionário Terminológico
E	escrita (domínio)
EL	educação literária (domínio)
G	gramática (domínio)
GN	grupo nominal
GPREP	grupo preposicional
GV	grupo verbal
INF	infinitivo
L	leitura (domínio)
LE	leitura e escrita (domínio)
Loc.	locutor
N	nome
NEG	negação
O	oralidade (domínio)
P	pergunta
PRED	predicado
PREP	preposição
R	resposta
SUJ	sujeito
V	verbo
Var.	variante
Vs.	<i>versus</i>

Introdução

A escolha do tema para esta dissertação foi ditada por motivos profissionais, aliando o interesse, o gosto e a necessidade de atualização que caracteriza a trabalho docente. A negação, numa língua natural como o português, é uma operação tão frequente quanto complexa, intimamente ligada ao sistema de valores que caracteriza a sociedade, por isso, apresenta-se como um assunto incontornável na formação escolar e no ensino da língua.

Considerando que a negação é essencialmente uma operação de modificação que atua fundamentalmente no plano formal mas também ao nível semântico e pragmático, parece-nos fundamental analisar a sua presença num conjunto alargado de textos, como é o caso dos provérbios portugueses, na medida em que «sendo os provérbios enunciados que descrevem o estado de coisas gerais, habituais ou constantes [...] são, por excelência, textos que propiciam a pesquisa sobre a construção das interpretações genéricas dos enunciados das línguas naturais.» (Lopes, 1992:3).

Com efeito, apesar de os provérbios não admitirem leituras episódicas, ancoradas no espaço e no tempo, a sua capacidade para suscitar uma interpretação figurada varia de acordo com o tipo de inferências ativadas no processo de compreensão da linguagem natural, o que leva a mesma autora a acrescentar que «nesta ótica, os provérbios funcionam como terreno ideal para se equacionar a relação entre a representação semântica dos enunciados e a sua interpretação pragmática.» (ibidem).

Para além disso, o potencial didático dos textos proverbiais aumenta na medida em que, pela sua natureza popular e paradigmática, equivalem a estruturas fraseológicas representativas da competência linguística de uma comunidade. Deste modo, a presença dos provérbios portugueses, no nosso trabalho, decorre não da intenção de fazer uma análise exaustiva deste tipo de enunciados mas do desígnio de demonstrar que é possível fazer a interseção entre este conteúdo e o tema da negação.

A eleição da Linguística como a principal área deste estudo tornou-se evidente por esta ser, desde a sua fundação, por volta dos finais do século XIX e inícios do século XX, uma ciência dedicada ao estudo das línguas humanas e da linguagem. Dominá-la permite conhecer não apenas o léxico, as regras e os princípios que regem as combinações entre as palavras, como também a organização estrutural e funcional das frases, o sentido que assumem em

função do contexto comunicativo e a cultura do povo que a produz, ou melhor, que a pretende fixa e estática mas ao mesmo tempo lhe imprime novas realizações.

Entendemos que o ensino e a ciência devem caminhar em paralelo, assumindo ambos, de um modo geral, uma importância considerável na formação académica. Os índices de desempenho dos alunos nas escolas portuguesas (tendo em conta os resultados da avaliação interna e externa realizada nos ensinos básico e secundário, bem como os resultados de estudos internacionais) demonstram que, muitas vezes, estes têm um domínio da língua portuguesa abaixo do esperado. A reflexão crítica acerca da língua, assente num saber científico e bem estruturado, poderá contribuir para um maior sucesso do trabalho dos professores, auxiliando-os a traçar diferentes trilhos pedagógicos e a promover o uso correto e cuidado da língua portuguesa em contexto escolar.

Ainda no que diz respeito à seleção do tema, ressalvamos dois aspetos que nos parecem importantes: por um lado, reconhecemos que as opções de carácter temático nos obrigam a seleccionar parte dos estudos que incidem sobre a abordagem da sintaxe, morfologia e semântica do português, não sendo por isso possível, esgotar, neste trabalho, toda esta vasta matéria; por outro lado, importa referir que nem todos os conteúdos abordados nesta dissertação deverão ser transmitidos aos alunos dos ensinos básico e secundário, o que não equivale a descurar a importância que possam assumir na estruturação das aulas de Português.

Para salvaguardar a aplicabilidade deste estudo, apresentamos uma análise transversal do Programa Curricular atualmente em vigor em Portugal, das Metas Curriculares que lhe estão associadas e do Dicionário Terminológico que uniformiza a terminologia aplicável.

Objetivos gerais

Este trabalho visa, essencialmente, (a) contribuir para a análise da especificidade dos enunciados com valor negativo em português, tendo em conta aspetos sintáticos, morfológicos, lexicais e enunciativos; (b) estudar as ocorrências da negativa num número significativo de provérbios portugueses, evidenciando o potencial destes textos no estudo da negação linguística; (c) apresentar uma análise dos principais documentos orientadores do ensino do Português, atualmente em vigor, pondo em evidência as orientações relativas à

abordagem da negação e do texto proverbial nos ensinamentos básico e secundário que devemos considerar para a abordagem prática-pedagógica que apresentamos no capítulo final.

Para além do conhecimento que possa transmitir a quem se interessa por esta área, esperamos que este trabalho alcance um efeito motivador junto dos professores, ajudando a diversificar estratégias e a promover a aprendizagem dos alunos.

Plano do trabalho

O trabalho de dissertação aqui apresentado é constituído por três partes distintas que correspondem aos capítulos I, II e III.

No capítulo I, e de modo a delinear o objeto de análise desta dissertação, começamos por apresentar o conceito de negação, veiculando a perspectiva de diferentes autores. De seguida, distinguimos vários tipos de negação, partindo de uma noção mais abrangente que contemple todos os níveis de estrutura linguística. Posteriormente, apresentamos os subtipos sintáticos de negação, explicitando os processos gramaticais de combinação de palavras que lhes são subjacentes e concluímos este capítulo com a referência a algumas construções da língua portuguesa que, embora não respeitando a estrutura tradicional da negação, assumam, de algum modo, um valor negativo.

Ao longo do capítulo II, pretendemos explicitar os diferentes mecanismos que na norma europeia do português permitem marcar o valor negativo de um enunciado, analisando, sob esse ponto de vista, um conjunto representativo de provérbios portugueses que possam ser mais familiares aos alunos do ensino básico e secundário. O *corpus* apresentado permitirá, a partir de uma análise descritiva, identificar as principais categorias utilizadas, bem como algumas particularidades que se afigurem mais peculiares.

Por fim, no terceiro e último capítulo, apresentamos uma análise transversal dos três principais documentos legais que regulam atualmente o ensino da língua portuguesa no nosso país, seguida da proposta de algumas atividades que possam ser aplicadas nas aulas de Português, ao longo da escolaridade obrigatória. Procuramos dar enfoque ao Programa da disciplina de Português e demonstrar de que modo os descritores, que incorporam as novas Metas Curriculares definidas para o ensino do Português, apontam para a abordagem das questões da negação e do texto proverbial. Procuraremos ainda explicitar a correspondência entre os documentos examinados, tomando como referência o Dicionário Terminológico. A

proposta de algumas práticas pedagógicas que consideramos interessantes na abordagem do tema deste trabalho antecede a reflexão crítica final.

Capítulo I - A negação em português

1. Considerações gerais

No presente capítulo, visamos traçar o enquadramento teórico da temática que, por ser um elemento transversal a todos os capítulos, dá unidade a esta dissertação – a negação. Consideramos importante iniciar o nosso trabalho com a delimitação conceptual para, de seguida, identificar os domínios em que opera, de modo a obter uma perspetiva abrangente e integrada sobre esta matéria.

Após mencionar os aspetos gerais da negação, descrevemos este processo tal como ele hoje se evidencia na língua portuguesa, seguindo a norma padrão do português europeu. Ao longo deste capítulo, por opção metodológica, ilustramos a nossa análise sobretudo com exemplos retirados da bibliografia geral¹ que dizem respeito ao uso comum e, por esse motivo, acreditamos que possam ser mais úteis para entendimento geral desta matéria.

No entanto, antes de dar início à abordagem da negação de forma ancorada à atualidade e ao padrão do português europeu, julgamos importante sublinhar alguns aspetos intrínsecos ao estudo que de seguida iremos apresentar.

Em primeiro lugar, sublinhamos duas propriedades desta matéria que cremos incontornáveis: a mutabilidade, perceptível na análise do legado linguístico deixado pelos nossos antepassados e que comprova que, tal como Saussure (1986) entendia, «a língua se altera, ou antes, evolui, sob a influência de todos os agentes que possam atingir quer os sons quer os sentidos. Essa evolução é inevitável; não há exemplo de língua que lhe tenha resistido» (Saussure, 1986:137); e a diversidade, uma vez que a evolução das estruturas negativas não foi idêntica em todas as línguas românicas e, nesse sentido, poderemos hoje encontrar, mesmo em línguas que nos estão próximas, realizações diferentes.

Não desvalorizamos o facto de, numa perspetiva diacrónica, se poderem sempre encontrar diferenças entre enunciados da mesma língua que tenham sido produzidos em épocas distintas. Em português, tal como noutras línguas, a mudança atingiu não apenas palavras isoladas (na grafia, no som ou no significado) como ainda o padrão segundo o qual as

¹ Por uma questão de unidade de critério, utilizamos sempre que possível os exemplos apresentados no capítulo sobre a Negação da autoria de João Andrade Peres que integra a Gramática do Português (2013), da Fundação Calouste Gulbenkian (capítulo 14, parte 3, do volume I). Todos os exemplos que tenham sido retirados de outra fonte estão devidamente assinalados.

frases e as orações da língua se organizam. Veja-se, a título de curiosidade, que «[d]urante a Idade Média, as frases negativas em português caracterizavam-se por poderem exibir um tipo de concordância negativa que entretanto se perdeu. Ao longo da época clássica, deixaram de ser possíveis construções como “nada não se passou” ou “ninguém não grite”, em que havia um reforço da negação com recurso ao advérbio canónico *não*. Em contrapartida, até ao século XVI, eram comuns as duplas negações com sujeito pré-verbal. Aparentemente, as palavras negativas conservam, em todos os contextos sintáticos, traços semânticos das palavras positivas, daí ser possível o redobro com *não*:

(36) “*Dona*” disse *Persival*, “*vos dezedes a vosso prazer, mas certamente, pois que vos nada nom sabedes de sua linhagem, nom tenho rezam por que o quisesse fazer cavalleiro*”. (*Demanda do Santo Graal, sécs. XIII-XIV*)» (Marquilhas, 2013:39).

Por outro lado, podemos constatar, através de uma abordagem sincrónica, que «[e]m português contemporâneo, a dupla negação já só pode ocorrer quando a palavra negativa é um sujeito pós-verbal (“Isso, não sabe ninguém”), ou então um complemento (“Não queremos nada”). Neste aspeto, o português distingue-se de línguas como o espanhol, o francês e o italiano, uma vez que essas e outras línguas românicas conservam gramáticas em que as palavras negativas podem receber uma interpretação positiva².» (idem:40).

Uma vez que neste trabalho não pretendemos dar conta da mudança linguística ocorrida no português ao longo do tempo, embora reconheçamos a sua importância para o estudo comparativo quer entre enunciados portugueses de diferentes épocas quer entre as realizações de diferentes línguas, optámos por, daqui em diante, recorrer aos estudos diacrónicos do português e à análise comparativa com outras línguas apenas pontualmente e a título ilustrativo, pela aplicabilidade que a referência ao latim ou às línguas românicas possa ter na abordagem multilinguística que tantas vezes se pretende em contexto escolar.

Outra circunstância a mencionar prende-se com o trabalho de pesquisa e com a grande divergência que se encontra na literatura disponível relativamente à negação. Poucas são as informações consensuais de autor para autor no que se refere a determinados aspetos, dos quais poderemos mencionar, a título exemplificativo, as estruturas sintáticas subjacentes ao processo de dupla negação e a interpretação dos conceitos de polaridade

² Observem-se os exemplos: «El comandante prohibió que saliera nadie del cuartel. (castelhano); Pierre est parti avant que personne ait pu faire aucun geste. (francês); Si domandava si sarebbe venuto nessuno. (italiano)» (Marquilhas, 2013:40).

negativa e polaridade positiva. A multiplicidade de estudos e publicações a que temos tido acesso desde a alteração da nomenclatura gramatical tradicional em 2004 (data da publicação da TLEBS³) prova que a falta de rigor e as alterações nem sempre concludentes criam abertura para a dúvida exacerbada e para a confusão. A discrepância de informação apresentada aos estudantes, durante a formação básica, tanto através dos manuais escolares como dos auxiliares de ensino, influi negativamente no processo de ensino e aprendizagem, com consequentes repercussões no domínio da língua materna.

Entendemos, obviamente, que se trata de uma matéria complexa acerca da qual existem múltiplos estudos que legitimam alguma flutuação terminológica, mas é fundamental que se proceda à normalização no ensino e que o dinamismo que caracteriza qualquer língua viva apenas sirva para fundamentar a abertura, a curiosidade e o conhecimento.

³ TLEBS – Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário, instituída pela Portaria n.º1488/2004.

2. O conceito de negação

Segundo João Peres, a necessidade permanente de se posicionar face ao que o rodeia, de refletir e de ajuizar conscientemente, levou o homem a criar e desenvolver mecanismos de comunicação, mais ou menos complexos, nos quais procurou estabelecer naturalmente um sistema de valores, assente em parâmetros como a generalização, a quantificação, a exclusão ou a apreciação. Neste sentido, a capacidade de utilizar a linguagem para expressar o conhecimento pressupõe, inevitavelmente, que o ser humano, perante uma determinada propriedade conhecida, seja capaz de declarar se uma entidade possui ou não essa propriedade ou, noutras circunstâncias, de avaliar a força com que ela se manifesta num dado elemento.

No Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências, define-se negação da seguinte forma: «(do lat. *negatio*, *-onis*). 1. Ação de não aceitar como verdadeira uma ideia, uma proposição, de negar a existência de uma coisa; ato ou efeito de negar. *Negação de Deus*. 2. Recusa de algo. 3. O que está em contradição com uma coisa ou é contrário a ela. 4. Falta de aptidão ou de capacidade. 5. *Gram*. Palavra ou grupo de palavras que servem para negar.»

Podemos ainda considerar que «[f]ormalmente, a negação é uma operação de modificação que atua quer a nível dos elementos constituintes de uma proposição (modificação da predicação) quer ao nível sintático-semântico de uma frase, quer ainda ao nível pragmático» (Mateus et al., 1999:110).

Segundo Peres (2013), «a atividade mental de inclusão e exclusão (no sentido comum destes termos) de entidades em relação a conjuntos exprime-se nas línguas naturais por meio de um sistema de dois valores opostos e associados a construções próprias: o valor positivo que corresponde à pertença a um conjunto e o valor negativo (ou negação) que corresponde à não pertença a um conjunto (ou, o que vale o mesmo, à pertença a um conjunto complementar de outro)» (Peres, 2013:462).

Ainda segundo o mesmo autor, «Em língua portuguesa, a pertença ou valor positivo pode ser expressa por meio da frase *O Pedro é português*, que é uma frase positiva (ou frase afirmativa ou, simplesmente, afirmação), ao passo que a não pertença pode ser descrita pela frase *O Pedro não é português*, que é uma frase negativa (ou simplesmente uma negação)» (ibidem).

«Por exemplo, nas frases afirmativas *estavam na sala não mais de cem pessoas* e *o piloto fez não poucas tentativas para aterrar* aparecem dois quantificadores de forma e valor negativos (*não mais de cem pessoas* e *não poucas*), cujos correspondentes positivos aparecem nas frases igualmente afirmativas *estavam na sala mais de cem pessoas* e *o piloto fez poucas tentativas para aterrar*. Nestes casos, fala-se de “valor positivo” das expressões mas não de “valor afirmativo”, que apenas se usa para designar o valor positivo das estruturas oracionais» (Peres, 2013:462).

Entendemos que a definição de negação como a atividade mental de exclusão de entidades em relação a conjuntos, expressa por meio de um sistema de valores associado a construções próprias e concebido por oposição a um valor positivo, ou de inclusão, que surge sempre que se descreve uma entidade como pertencente a um determinado conjunto, é correta mas não suficiente, na medida em que não contempla situações como a que de seguida se ilustra⁴:

- (1) O João é alto.
- (2) O João não é alto.
- (3) O João não é tão alto como o irmão.

A primeira observação a fazer prende-se com o facto de o exemplo (2), que formalmente difere do exemplo (1) pela aplicação do advérbio de negação em posição pré-verbal, não ter adquirido, em relação a este, sentido contraditório. Veja-se que, quando se afirma que “O João não é alto.” o sentido dessa frase não é sinónimo de “O João é baixo.”, pois aceitam-se como igualmente verdadeiras as asserções “O João não é baixo.” e “O João nem é alto nem é baixo. É de estatura média.”. Já em relação ao terceiro exemplo, podemos considerar que, ao declarar que “O João não é tão alto como o irmão.”, não estamos necessariamente a excluir o João do conjunto das pessoas altas, uma vez que ele pode ser alto, embora não seja tão alto como o irmão.

Sendo assim, devemos alargar o conceito de negação para além da representação de não pertença a um conjunto. Neste sentido, e uma vez que a noção de conjunto implica a definição de um centro que coincide com as propriedades que se devem verificar para que

⁴ As frases indicadas como exemplo são da nossa autoria, não se encontrando em nenhuma das fontes bibliográficas utilizadas para este trabalho.

determinado elemento pertença a esse conjunto, o afastamento face a esse centro pode ser representado através de uma frase com valor negativo que não implica necessariamente a exclusão ou a não pertença ao grupo.

Podemos então afirmar que existem frases com valor absoluto, do género de “O bebé nasceu” (frase afirmativa), que apenas admitem o seu contrário em “O bebé não nasceu.” (frase negativa) e frases que não têm um valor absoluto, mas envolvem propriedades em relação às quais de admite alguma gradação (de frequência, duração, posição ou intensidade, por exemplo).

Repare-se agora nos exemplos⁵:

(4) O Paulo é inteligente.

(5) O Paulo não é mais inteligente que o irmão.

(6) O Paulo não é menos inteligente que o irmão.

É possível marcar a distinção entre os exemplos referidos, atribuindo o traço [+inteligente] ou [-inteligente] ao SUJ ‘Paulo’ sem que se exclua a propriedade de ser ‘inteligente’.

(4a) O Paulo + V SER [inteligente]

(5a) O Paulo + [não] V SER [+inteligente] que o irmão

(6a) O Paulo + [não] V SER [-inteligente] que o irmão

Todas as hipóteses apresentadas de (4a) a (6a) podem ser verdadeiras e não refutam a frase: “O Paulo é tão inteligente como o irmão”. Torna-se evidente que a negativa em (5a) e (6a) marca apenas a maior [+] ou menor [-] proximidade SUJ face ao conteúdo proposicional [Paulo, ser inteligente como o irmão].

Como teremos oportunidade de explicitar no ponto 4.4. deste capítulo, existem outras situações em que as unidades frásicas formalmente negativas não conduzem, necessariamente, a interpretações semânticas de sentido contrário face à sua contrapartida positiva, referimo-nos especificamente à negação metalinguística que permite recuperar o

⁵ As frases indicadas como exemplo são da nossa autoria, não se encontrando em nenhuma das fontes bibliográficas utilizadas para este trabalho.

sentido de um enunciado anterior para anular os pressupostos do enunciado positivo que contraria ou introduzir um valor majorante.

Esta é a situação que encontramos no enunciado⁶:

(7) A reportagem não é boa, é excepcional.

⁶ A frase indicada como exemplo é da nossa autoria, não se encontrando em nenhuma das fontes bibliográficas utilizadas para este trabalho.

3. Principais características da negação em português

Tendo em conta que a negação é uma operação que se aplica a praticamente todos os níveis de estrutura linguística, da palavra à frase, a língua portuguesa admite uma multiplicidade de mecanismos de marcação de valor que vale a pena sistematizar.

No português europeu, os falantes dispõem, atualmente, de diversos processos para contrastar o valor positivo: a negação sintática, em que o valor negativo é realizado por elementos morfológicamente autónomos, quase sempre representados por marcadores negativos que contribuem para a construção negativa (como acontece com o advérbio 'não' na frase: "O barco *não* atracou no cais."), a negação morfológica, obtida a partir de morfemas negativos que crescem a palavras com valor positivo (como por exemplo: *infelicidade/desconforto*) e a negação lexical, constituída por elementos lexicais que apresentam um valor negativo, especialmente quando exprimem um sentido complementar face a outra palavra, sem recurso a meios morfológicos, como é o caso do par de tipo antonímico: *aceitar/rejeitar*.

Por outro lado, podemos facilmente encontrar enunciados que, pelas suas propriedades semânticas e pelo seu carácter pragmático, nomeadamente no que se refere à possibilidade de se relacionar com outro enunciado que surge no mesmo contexto, evidenciam um tipo de negação que podemos denominar enunciativa.

Após a explicitação destes processos que consideramos paradigmáticos, decidimos incluir neste trabalho alguns aspetos particulares que se vão tornando frequentes no estudo da língua, como é o caso da dupla negação, da polaridade negativa, da elipse e da negação expletiva.

Antes de explicitar cada um destes tipos de processos, relembramos que a língua portuguesa dispõe de um marcador negativo canónico, o advérbio negativo 'não' que é facilmente reconhecido como o principal responsável pela ocorrência de frases negativas, no entanto, a sua ocorrência poderá não só surgir associada a outras palavras igualmente negativas que se encontrem na mesma estrutura como exercer influência sobre um constituinte, um grupo ou toda a oração.

Outros marcadores negativos a que os falantes recorrem com regularidade são a conjunção coordenativa 'nem', usada especialmente em frases coordenadas, mas também para unir constituintes da mesma proposição ou com valor enfático, e a preposição 'sem',

associada normalmente à predicação ou a um termo em particular, iniciando orações subordinadas ou adjuntos nominais. Não raras vezes, também se regista o recurso a palavras negativas pertencentes à classe dos advérbios (como 'nunca' e 'jamais'), dos pronomes (por exemplo 'ninguém' e 'nenhum') e dos quantificadores ('nada'), para marcar o valor negativo de uma frase ou de parte dela. Sobretudo num discurso mais coloquial, podemos ainda encontrar certos termos ou expressões (como, por exemplo, 'lá', 'cá' ou 'agora') que poderão adquirir sentido negativo em frases como: "Eu sei lá."

4. Tipos de negação

4.1. Negação sintática e os seus subtipos

A forma mais comum e a que primeiramente é apresentada de um modo formal no ensino da língua é a negação sintática, ou seja, sempre que o valor do enunciado é marcado por meio de uma construção negativa.

As construções negativas têm em comum a ocorrência de um operador próprio (designado ‘operador negativo’ ou ‘operador de negação’) que, em português, pode ter as formas de ‘não’, ‘nem’ ou ‘sem’, consoante os contextos e os valores em causa. Por uma questão de uniformização, tomaremos, sempre que possível, como exemplo, orações e frases declarativas, pois as características que definem os diversos tipos de frase não parecem estar dependentes do carácter afirmativo ou negativo evidenciado.

No que se refere à negação sintática, devemos começar por distinguir dois grandes tipos de construções negativas - a negação oracional e a negação de constituintes - para que depois se possam compreender os vários subtipos que cada uma destas classes poderá apresentar.

4.1.1. Negação oracional

Na classe das construções de negação oracional, agregamos a trilogia adotada por Peres (2013) e que nos parece adequada, designadamente a negação oracional simples, a negação oracional de subordinação e a negação oracional de coordenação. Passemos, de seguida, a uma breve análise de cada um destes subtipos.

Negação oracional simples

Numa construção de negação oracional simples, um dos operadores negativos (‘não’ ou ‘nem’) precede imediatamente o verbo da oração (na forma finita ou não finita) ou um pronome clítico em próclise, tornando negativa essa oração (e apenas ela). É o que temos de (8) a (13), com o operador ‘não’.

- (8) Não está a chover.
- (9) O Pedro não é ribatejano.
- (10) Alguns estudantes não foram à festa.
- (11) Metade dos estudantes não tinha ainda decidido se iria à festa.
- (12) O Pedro resolveu não ir à festa.
- (13) A Ana não me disse se ia à festa.

A negação com o operador 'não' pode ser ou não enfática e, em muitos casos, este fator está associado a elementos como a curva melódica ou expressões faciais. Porém, quando é usado o operador 'nem', em vez de 'não', ao valor semântico da negação oracional, é acrescido um valor discursivo de ênfase de negação que pode marcar, presumivelmente, a surpresa de uma entidade perante a situação descrita. Vejam-se os exemplos de (14) a (16):

- (14) A Ana foi-se embora e nem se despediu.
- (15) O presidente da mesa nem cumprimentou a assistência.
- (16) O Paulo ficou tão perturbado que nem jantou.

No âmbito da negação oracional simples é pertinente estabelecer uma distinção entre, por um lado, a negação oracional comum⁷ (com os operadores 'não' e 'nem') e, por outro lado, a negação oracional discursiva (realizada sempre com o operador 'não'). Esta última está, essencialmente, associada a processos discursivos, o que faz com que apresente apenas ligeiras diferenças formais⁸ relativamente à negação comum, no entanto, também «a negação discursiva pode ser subdividida em negação retórica e negação metalinguística» (Peres, 2013:464).

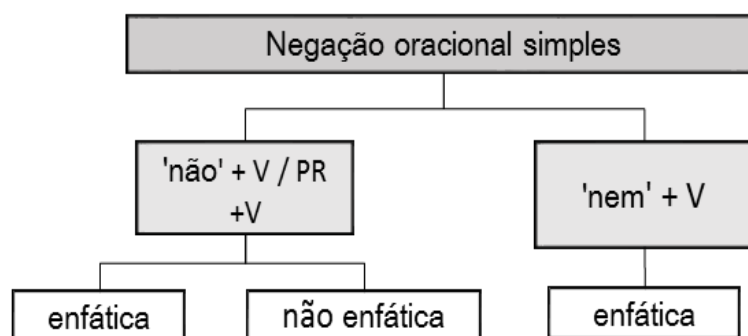
⁷ Cf. Peres (2013).

⁸ Como, por exemplo, a incompatibilidade com apêndices interrogativos. Observe-se o caso da frase «Não me ajudas a arrumar estes livros?» equivalente a um ato ilocutório diretivo indireto, envolvendo a modalidade de cortesia, e que, ao receber o apêndice «pois não?», passa a uma afirmação negativa à qual se acrescenta um apêndice como forma (também ela retórica) de confirmação.

Negação oracional comum

A negação comum pode ser realizada por 'não' ou 'nem' que ocorrem em frases como as exemplificadas em todos os casos de (8) a (16). O operador 'não' encontra-se geralmente em posição pré-verbal, podendo em alguns casos associar-se ao verbo auxiliar, ao verbo principal, o que trará implicações semânticas à frase, ou anteceder o pronome proclítico. A utilização do operador 'nem' segue o modelo de estruturação evidenciado na frase apresentada em (14) e (15), ou seja, em posição pré-pronominal ou pré-verbal, sozinho ou associado a outro termo genuinamente coordenativo, como em (14), para introduzir uma ideia contrária ou inesperada após uma oração afirmativa. É consensual que o uso de 'nem' como operador negativo confere à frase um sentido implícito, condicionado pela especificidade do contexto situacional em que emerge e obtido por inferência.

Devemos, portanto, considerar o seguinte esquema-síntese:



Esquema 1 - Operadores negativos de acordo com a perspetiva de Peres (2013).

Negação oracional discursiva

A negação discursiva é realizada fundamentalmente pelo operador 'não' e diferencia-se da negação comum exatamente pelo seu carácter discursivo, uma vez que é dependente do contexto e pode envolver modalidades comunicativas como a cortesia.

Verificamos ainda que este tipo de negação pode estar associado a dois processos distintos: a negação retórica e a negação metalinguística, que passamos a descrever.

A negação retórica restringe-se a frases interrogativas que são “perguntas retóricas”. Trata-se de uma forma de negação oracional simples em que o operador negativo é facultativo, uma vez que a resposta que se obtém é certamente a mesma. Vejam-se os exemplos:

(17) Não me passas o sal, por favor?

(17a) Passas-me o sal, por favor?

(18) Não me ajudas a arrumar estes livros?

(18a) Ajudas-me a arrumar os livros?

Por outro lado, a negação retórica difere da negação comum, na medida em que não é compatível com a aplicação de apêndices interrogativos.

Por exemplo, a frase “Não me ajudas a arrumar estes livros, pois não?” não é equivalente, do ponto de vista ilocutório, à simples pergunta “Ajudas-me a arrumar estes livros?”. Pode-se afirmar que a frase com o apêndice negativo faz uma afirmação negativa seguida de uma confirmação.

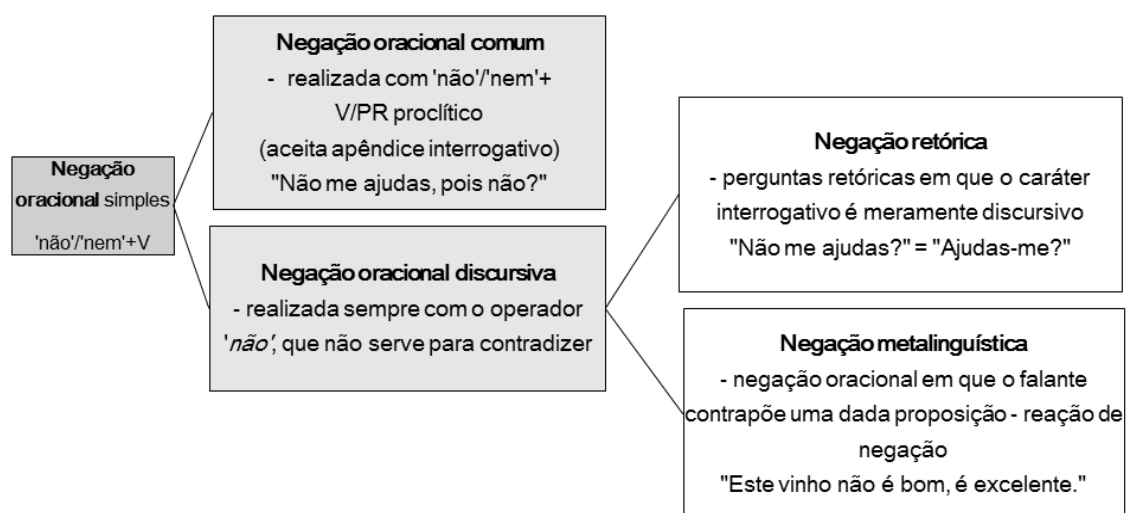
A negação metalinguística pode ser entendida como uma negação oracional associada a um processo discursivo em que o falante contrapõe uma dada proposição com outra que não contradiz necessariamente a primeira. Segundo Sousa (2011), «Um dos meios privilegiados para a realização de uma refutação será um enunciado contendo uma negação metalinguística. Este tipo de negação, na terminologia de Ducrot (1971; 1973) e de Horn (1985; 1989) caracterizar-se-á justamente por ter no seu escopo um enunciado e não uma proposição, i.e., por não operar ao nível proposicional, mas ao nível metalinguístico» (Sousa, 2011:249). Neste sentido, é um processo que, ao contrário da negação oracional regular (ou comum), não se relaciona com os conceitos de verdade ou a falsidade das proposições negadas, pretendendo, entre outras hipóteses, negar um pressuposto posto em evidência num enunciado que lhe é anterior, da autoria do mesmo enunciador ou de um interlocutor com que esteja em interação. Ilustra o que acabámos de expor, o seguinte exemplo:

(19) Loc. 1 - A minha ajuda não é muito importante.

Loc. 2 - Concordo, a tua ajuda *não* é muito importante, é absolutamente importante.

No entanto, por se tratar de um processo essencialmente discurso, apresentamos uma análise mais detalhada deste aspeto no ponto 4.4. do presente capítulo.

Podemos representar os diferentes subtipos de negação oracional (simples) da seguinte forma:



Esquema 2 - A negação oracional segundo a apresentação de Peres (2013).

Construção de negação oracional de subordinação

Na negação oracional de subordinação, o operador negativo 'sem' precede imediatamente uma oração subordinada, finita ou não, como em (20) e (21):

(20) A Ana saiu sem que eu desse por isso.

(21) A Ana saiu sem se despedir.

Construção de negação oracional de coordenação

Na negação oracional de coordenação, o operador negativo 'nem' coordena uma oração de valor negativo a outra igualmente de valor negativo, como por exemplo em:

(22) Os salários não sobem nem os preços descem.

(23) Nem os salários sobem nem os preços descem.

4.1.2. Negação de constituintes

A negação de constituintes é realizada através de construções formadas por um operador negativo aplicado a um constituinte sintático de valor positivo. Neste âmbito, tendo em conta a natureza do constituinte, podemos distinguir a negação de sintagma verbal, a negação quantificacional e a negação nominal com 'sem'.

Negação de sintagma verbal

A negação de sintagma verbal decorrente da aplicação de um operador negativo que tem como escopo a proposição corresponde, na maior parte dos enunciados da língua portuguesa, a uma negação oracional simples (cf. (8) Não está a chover). Nestes casos a negação é vista como um modo de predicação, ou seja, é ela que marca a relação entre o sujeito e o predicado. A este propósito, Peres (2013) salienta a particularidade do verbo 'deixar' quando este é utilizado numa perífrase verbal com valor negativo (deixar + PREP 'de' + V no INF), por considerar que este é um caso que deve ser expressamente classificado como negação de sintagma verbal. Observe-se a frase:

(24) O Pedro deixou de fazer uma viagem importante por causa das eleições.

Esta frase é equivalente a «O Pedro não fez uma viagem importante por causa das eleições» e deve permitir distinguir o verbo negativo 'deixar' dos outros seus homónimos, que encontramos em frases como «A Ana deixou o livro em casa», «O Paulo deixou a Ana» ou «A Ana deixou o Paulo entrar».

A negação com o verbo 'deixar' caracteriza-se por uma maior clareza do escopo relativamente ao adjunto adverbial, o que não acontece com o operador 'não'. Comparem-se as frases:

(25) O Pedro deixou de fazer uma viagem importante por causa das eleições.

(25a) O Pedro não fez uma viagem importante por causa das eleições.

No caso de (25a) pode significar que «Não foi por causa das eleições que o Pedro fez uma viagem importante. O Pedro fez uma viagem importante por causa do seu novo negócio».

Outra particularidade deste verbo negativo consiste na sua compatibilidade com expressões intrinsecamente negativas como 'nenhum', ao contrário do que acontece com os outros operadores negativos. Vejam-se as frases seguintes:

(26) Nenhum doente deixará de ser atendido por não estar inscrito na consulta.

(26a) *Nenhum doente não será atendido por não estar inscrito na consulta.

Refira-se ainda que o verbo 'deixar', para além de introduzir um valor negativo, pode exprimir também um valor aspetual que os restantes operadores não conseguem alcançar. Podemos comparar as frases:

(27) A Sara não jantou.

(27a) A Sara deixou de jantar.

Enquanto a primeira frase nega que se tenha verificado a situação de a Sara jantar, a segunda assume um sentido próximo de «A Sara costumava jantar, mas agora já não janta.»

Ainda no que se refere à negação do constituinte que desempenha a função de sintagma verbal, gostaríamos de salientar que a interpretação das estruturas frásicas que se caracterizam pela anteposição de um operador negativo em relação ao núcleo do predicado deve, sempre que possível, ter em conta a situação em que o enunciado foi produzido, a fim

de desambiguar a relação de escopo. Vejamos exemplos indicados por Mateus⁹ em que a negação pode ter como escopo a proposição subjacente à frase ou um dos seus elementos.

(28) *Eles não foram à praia.*

[NEG (eles, ir à praia)] i.e. não é verdade que eles tenham ido à praia. O escopo da NEG é a própria proposição.

(28a) *Eles não foram à praia.*

[(eles (NEG (ir à praia))), por exemplo 'ficaram a dormir']. O escopo da NEG é o V.

(28b) *Eles não foram à praia.*

[[NEG (eles)] ir à praia] i.e., 'não foram eles que foram à praia'. O escopo de NEG é o GN SUJ.

(28c) *Eles não foram à praia.*

[(eles, ir) (NEG (praia))] i.e., por exemplo 'foram a casa de uns amigos'. O escopo tem principal incidência no GPREP.

Ao contrário de 'não' e 'nem', que podem ter como escopo tanto GVs como GNs e GPREPs, 'nunca' e 'jamais' só podem ter como escopo o GV. 'Nem', por outro lado, é um operador com alguma maleabilidade em se deslocar dentro da frase que advém do facto de anteceder o elemento sobre o qual exerce a ação de escopo. Observem-se as frases mencionadas por Mateus¹⁰ e a importância que a prosódia poderá assumir na sua interpretação:

(29) *Nem eles foram à praia.*

(30) *Nem à praia eles foram.*

⁹ (Mateus et al., 1999:111)

¹⁰ (idem:112)

(31) Eles nem foram à praia.

Negação quantificacional

A negação quantificacional ocorre sempre que o operador negativo envolvido obtenha simultaneamente um valor de negação e um valor de quantificação. Na maior parte dos casos, os operadores 'não' ou 'nem' precedem, imediatamente ou não, um sintagma nominal quantificado, originando naturalmente um valor quantificacional complementar. Em português, a negação quantificacional pode ocorrer:

- a. por aplicação direta de um operador negativo ('não'/'nem') a um quantificador.

(32) Nem todas as raparigas foram à festa.

- b. por aplicação direta do operador negativo 'nem' ao quantificador de um GN precedido de uma preposição ou a uma expressão adverbial (com valor universal)

(33) Nem com vinte pessoas podemos contar. / Nem sempre se tem razão.

- c. por meio de expressões intrinsecamente negativas (autonegativas) ou termos-n, como 'ninguém', 'nada', 'nunca'.

(34) Ninguém protestou.

- d. por aplicação do operador negativo 'nem' grupos nominais coordenados.

(35) Nem a Ana nem o Pedro dançaram.

- e. por aplicação do operador negativo 'nem' a um grupo de valor referencial, obtendo-se um valor quantificacional implícito.

(36) Nem a Ana dançou.

Negação nominal com ‘sem’

A negação nominal com ‘sem’, terminologia utilizada por Peres (2013), abrange a aplicação do operador negativo ‘sem’ a grupos nominais (GNs) e não se deve confundir com a negativa morfológica que ocorre, por exemplo, em «sem-abrigo». Vejam-se os exemplos:

(37) É um buraco sem fundo. (aplicado ao GN)

4.2. Negação morfológica

Passamos agora a examinar o sistema de negação morfológica. Nestes casos, a negação é obtida a partir de morfemas negativos que podem ocorrer numa palavra (como nos nomes *infelicidade* e *desconforto*, nos adjetivos *incapaz* ou *desleal*, nos advérbios *atipicamente* ou *infelizmente*, em verbos como *desconhecer* ou *desobedecer*). Podemos observar a ocorrência deste fenómeno em enunciados como o que se segue¹¹:

(38) A Ana desconhece o seu destino.

Fazendo referência a um tipo de “negação lexical com prefixação de sentido negativo”, alguns autores caracterizam este processo como uma negação de nível categorial em que, «nomes, adjetivos e verbos adquirem sentido negativo por anteposição de elementos de sentido negativo, como, por exemplo: ab-; abs-; a-; de-; in-; i-; ir-; anti-» (Mateus et al., 1999:113).

Ilustram o que acabámos de expor, os exemplos que se seguem de palavras de três classes gramaticais distintas:

- a. N: «ação» e «inação»
- b. ADJ: «permeável» e «impermeável»
- c. V: «crescer» e «decrecer» (autoria)

A mesma autora salienta ainda que «a modificação introduzida pela prefixação de sentido negativo exprime, por vezes, uma modalidade contrária e outras vezes uma modalidade contraditória» (Mateus et al., 1999:113), pois, «Decrescer» não é sinónimo de «não crescer», enquanto, «inação» é sinónimo de «não ação».

Uma vez que as alterações ao nível da estrutura da palavra não são suficientes e reclamam para si concomitantemente a necessidade de interpretação, entendemos por isso tratar-se de um do processo semântico.

Nestes casos, a designação de negação morfológica parece-nos mais adequada, uma vez que o termo negativo decorre de um processo morfológico de formação de palavras, reservando a classificação de negação lexical para as situações que expomos no próximo parágrafo.

4.3. Negação lexical

Um outro processo dentro do sistema de negação diz respeito aos grupos dos elementos do léxico que exprimem conceitos complementares sem recurso a meios morfológicos, como é o caso dos pares de tipo antonímico «o bem»/«o mal» ou «aproximar»/«afastar». Mais uma vez, o entendimento do valor negativo requer uma interpretação semântica do enunciado, de modo a estabelecer um contraste entre termos de sentido contrário. Para além da negação relacionada com a antonímia, havendo um termo entendido como negativo e outro positivo, há também a negação lexical de palavras isoladas como é o caso de verbos do tipo de: «esquecer», «faltar», «morrer», «prejudicar», «impedir», «renunciar», «contrariar», que têm equivalente na negação de outros verbos ou em paráfrases que se lhes opõem semanticamente. Podemos observar, a título de exemplo, que «esquecer» é sinónimo de «não lembrar», «faltar» significa «não estar» ou «não ir» e «morrer» equivale a «não viver».

Noutras situações, podemos ainda encontrar verbos que adquirem um valor negativo não por motivos sintáticos mas enunciativos, uma vez que, mesmo não transportando um sentido negativo inerente, este é-lhes atribuído por termos que lhes estão próximos. Veja-se o exemplo de «Eu quero lá isso!» que se opõe a «Eu quero isso.»

¹¹ Exemplo da nossa autoria, que não se encontra na bibliografia consultada.

4.4. Negação enunciativa

Para que possamos compreender de forma mais ampla os processos de construção do sentido negativo que ocorrem em português, devemos, agora, considerar os casos em que o sentido de determinado enunciado só é efetivamente fixado pela relação que se estabelece entre o conteúdo proposicional desse enunciado e a situação de enunciação em que é utilizado. Consideramos que, nessas circunstâncias, estamos perante uma negativa enunciativa, característica que é comum aos casos que passamos a apresentar de forma dicotómica: a negação explícita vs. negação implícita, a negação descritiva vs. negação refutativa e a negação dependente vs. negação independente. Cada um destes conceitos será explicitado individualmente, embora o façamos de forma breve nos casos em que já tenham sido abordados em pontos anteriores deste capítulo. Por outro lado, sempre que surja nova informação, nomeadamente no que se refere à função discursiva da negação, procuraremos alargar e ilustrar a nossa análise.

Negação explícita vs. negação implícita

Consideramos que a negação é explícita sempre que decorre da aplicação de um operador negativo, de uma palavra com valor negativo ou de um afixo a uma palavra, a um constituinte ou a uma proposição, sendo por isso fácil de identificar ainda que fora de qualquer contexto.

Quando, num contexto conversacional, determinado enunciado, independentemente da sua estrutura formal, assume um valor negativo pela relação que estabelece com outro enunciado que ocorre na mesma situação, podemos afirmar que estamos perante uma negativa implícita. Nestes casos, o valor negativo do enunciado apenas é detetável pela relação com o contexto e só na relação com o contexto é que pode ser entendido. Para que a interpretação semântica seja menos ambígua é frequente o recurso a elementos extralinguísticos como a entoação melódica. A associação do enunciado a uma curva de melodia específica pode ajudar a interpretar atitudes como a ironia, a crítica, a recusa ou a indignação.

Observem-se expressões do tipo exemplificado abaixo¹² que constituem, em relação à pergunta posta, uma asserção de sentido contrário:

- (39) P: É verdade que vais passar o verão a trabalhar?
- (40) R: Pelo contrário...
- (40a) De maneira nenhuma...
- (40b) De forma alguma...
- (40c) De modo algum...
- (40d) É falso...
- (40e) Não é isso...
- (40f) Enganaste-te...
- (40g) Só me falta fazer as malas para ir para o Algarve...

Os enunciados do tipo exemplificado de (40) a (40g) constituem, relativamente à pergunta posta, asserções de sentido contrário e o seu valor semântico pressupõe o material linguístico que é anterior, assumindo, face à negação explícita, uma relação mais íntima com o contexto.

Negação descritiva vs. negação refutativa

Não menosprezando a legitimidade da classificação de qualquer enunciado negativo como um enunciado polémico, em que uma asserção e uma refutação se opõem, seja como atos ilocutórios ou como pontos de vista, podemos, de um modo mais pragmático, entender que o sentido de uma frase negativa pode ser interpretado por associação a outro enunciado positivo correspondente. Acerca deste aspeto, Moreno (2005) refere, ao explicitar a teoria de Ducrot, que a função descritiva da negação «consistirá na “afirmação de um conteúdo negativo, sem referência a uma afirmação antitética” e, neste caso, tanto poderá corresponder a uma negação de frase como a uma negação de constituinte.» (Moreno, 2005:78).

¹² (Mateus et al., 1999:114)

Deste modo, quando um enunciado negativo não surge na senda de um tópico anterior, considera-se que a negação é descritiva, como em “O Pedro não deve fumar”, visto que «através de um ato de afirmação é produzida uma informação negativa» (Moreno, 2005:78).

Podemos ainda afirmar que as frases com valor negativo que se incluem nesta classificação são, geralmente, aquelas cujo estatuto permite iniciar uma troca conversacional e que correspondem à negação de predicado, uma vez que a sua marcação é entendida como interior ao conteúdo proposicional, não necessitando de uma relação com outra proposição que partilhe o mesmo contexto.

Como contraponto, a negação refutativa ocorrerá prototipicamente em textos dialogais, sendo particularmente mais frequente em textos que favoreçam interações de carácter mais polémico, como sejam o discurso político, o discurso jurídico ou, até mesmo, o discurso didático. Nesta situação, a identificação do enunciado alvo de refutação não parece problemática, embora também seja possível encontrar exemplos em que o enunciado prévio não se encontre explicitado.

A fim de determinar o carácter refutativo de um enunciado, podemos recorrer a dois tipos de análise que se complementam entre si: por um lado, através da interpretação enunciativa, percebemos que a frase negativa surge associada a outra, geralmente, na sequência de um tópico anterior, constituindo uma tomada de posição ou reação; por outro lado, numa perspetiva sintática, constatamos que «apenas a negação de frase (exterior ao conteúdo proposicional) poderá eventualmente ser compatível com um ato de fala negativo, ou seja, com uma “modalité du jugement”» (ibidem).

Para a maioria dos autores esta é uma situação em que se verifica que o sentido do enunciado está dependente do contexto discursivo em que este ocorre, ou mais explicitamente, do contexto. Veja-se o seguinte exemplo da nossa autoria:

(41) Sei lá quem é o João!

Este enunciado faz-nos crer que a sua ocorrência só se justifica se anteriormente alguém tivesse dito algo como “-Tu sabes quem é o João! É aquele rapaz alto que vimos ontem.”. Nestes casos, considera-se que estamos perante uma negação polémica.

Na senda de Ducrot, poderemos observar mais atentamente a realização do verbo modal “dever”, o valor semântico de enunciados construídos com base em pares de termos contrários e os pressupostos.

Segundo o mesmo autor, quando o verbo “dever” surge com um sentido próximo de “obrigação”, a sua negação permite refutar o conteúdo positivo da proposição (negação de frase), como acontece na frase «Não, tu não deves regressar, é imperativo que regresse!».

Por outro lado, quando estamos na presença da negação de termos contrários «como, por exemplo, *bonito/feio*, os resultados obtidos são distintos, dependendo do termo negado (...). A negação do termo “favorável”, [como exemplificado em *O Pedro não é bonito*], corresponde aproximadamente à afirmação do termo contrário (...). Porém, a negação do termo “desfavorável”, [como em *O Pedro não é feio*] cria um valor intermédio entre os dois termos contrários: *O Pedro não é feio* não equivale a *O Pedro é bonito*, designando antes um valor intermédio entre feio e bonito.» (Moreno,2005:79).

Finalmente, a noção de pressupostos da existência permite-nos reconhecer que a negação em enunciados como «O Pedro não sabe que o João vem, porque o João não vem.» constitui um ato de negação com incidência sobre o pressuposto.

No entanto, tanto é possível encontrar casos em que a frase que se pretende refutar se inscreva, explicitamente, na frase que obtém por reação, como casos em que o contexto conversacional pode ser dispensado, se o locutor se basear num raciocínio seu e apresentar, ele próprio, a situação que pretende negar.

Repare-se na seguinte frase¹³:

(42) Todos julgam que sou culpado, mas estão enganados.

Neste caso, o locutor não necessita de ter ouvido o comentário das outras pessoas, para refutar aquela afirmação. O que se refuta não é o enunciado efetivamente produzido mas sim a inferência que um locutor poderia ser conduzido a fazer a partir do contexto que antecede o segmento refutativo.

¹³ A frase é da nossa autoria, não se encontrando em nenhuma das fontes bibliográficas utilizadas para este trabalho.

Seja qual for o universo referencial que conduza à refutação, por sentir que há uma ideia pejorativa ou por negar apenas o grau, a verdade é que o locutor inscreve a afirmação anterior que pretende negar naquela que constrói.

A questão que se coloca face a exemplos como este é a da autoria do enunciado, na medida em que permite estabelecer uma distinção entre locutor e enunciador.

Na opinião de alguns autores, parte do processo de refutação pode, assim, ficar concretizada através de um processo de negação metalinguística, uma vez que «o enunciado negativo reenvia para a enunciação anterior, estabelecendo uma oposição entre dois locutores: o do enunciado negativo e o do enunciado positivo correspondente. A negação metalinguística permite, por isso, anular os pressupostos do enunciado positivo que contraria: *O Pedro não deixou de fumar; na verdade, ele nunca fumou.* [que] constitui a réplica a um locutor que efetivamente afirmou *O Pedro deixou de fumar.* O valor majorante que a negação pode adquirir também se explica no âmbito da negação metalinguística, pois constitui igualmente um caso de refutação de um locutor oponente: *O Pedro não é inteligente, é genial.*» (Moreno, 2005:82).

A propósito da recuperação de enunciados anteriores, Pinto (2010) observa que «[a] esta recuperação fiel dos itens lexicais presentes na asserção negada chamaremos *estrutura-eco*, na esteira do que é proposto por Carston (1996), sob a designação de *implicit echoic use*. De acordo com a análise de Carston, para o inglês, esta é a propriedade essencial da negação metalinguística. A noção de uso ecoico (*echoic use*) é originalmente proposta por Sperber e Wilson (1986), que consideram que nos enunciados irónicos, por exemplo, a informação repetida é usada sob a forma de citação (*quote*). De acordo com Carston, nos enunciados onde ocorre negação metalinguística, a informação lexical e semântica da frase negada é recuperada, sendo que, nestes casos, os constituintes no escopo da negação funcionam como estruturas-eco, ou seja, são citados, ao invés de serem usados.» (Pinto, 2010:36)

Nestes casos, podemos considerar perfeitamente aceitáveis enunciados como:

(43) Este vinho não é bom, é excelente.

(44) Este vinho não é bom, era bom¹⁴.

Mas a intencionalidade comunicativa da negação metalinguística não é compatível com:

(45) Este vinho não é bom, é péssimo.¹⁵

Ao analisarmos as estruturas sintáticas deste género, em português europeu, verificamos que, para além do marcador 'não', também as palavras 'nada', 'cá', 'lá' e 'agora' podem, embora com ligeiras diferenças entre si, surgir como marcadores da negação metalinguística, assumindo valores distintos daqueles que regularmente enunciam noutros contextos. Podemos observar esta situação nos exemplos que se seguem¹⁶.

(46) Tu não chegaste cedo, chegaste cedíssimo.

(47) Não está grande o Joãozinho?

(47a) Está *nada*¹⁷ (grande). Continua com a mesma altura.

(48) A Maria teve uma sorte dos diabos!

(48a) Teve *nada* uma sorte dos diabos! Teve foi azar!

(48b) Teve *agora* uma sorte dos diabos! Teve foi azar!

(48c) Teve *cá/lá* uma sorte dos diabos! Teve foi azar!

Outra situação ocorre quando encontramos a estrutura [Não+ V + Nada], em que nada assume uma função essencialmente enfática.

(49) Não teve nada uma sorte dos diabos! Teve foi azar!

Segundo Pinto (2010), «Contrariamente ao que se verifica para a negação regular, os marcadores de negação metalinguística não admitem itens de polaridade negativa (IPNs), dado que não concordam com palavras negativas de outra natureza.» (Pinto, 2010:18). De (50) a (50e), verificamos essa incompatibilidade.

(50) Hoje vais tu limpar o pó.

¹⁴ Segundo Ducrot, a negação metalinguística pode ser majorante, conforme (43), ou minorante, como (44).

¹⁵ A negação neste exemplo não é através da negação frásica, mas da negação lexical.

¹⁶ Os exemplos de (46) a (50d) são da autoria de Clara Pinto (2010:15-18).

¹⁷ A estrutura [V+NADA] surge como negação discordante.

(50a) *Não* limpo o pó nem morta!

(50b) Limpo *nada* o pó!

(50c) *Limpo *nada* o pó nem morta!

(50d) *Limpo *agora* o pó nem morta!

(50e) *Limpo *cá/lá* o pó nem morta!

Como podemos observar, os marcadores de negação metalinguística ‘nada’, ‘agora’, ‘cá’ e ‘lá’ são incompatíveis com itens de polaridade negativa, surgindo facilmente associados itens de polaridade positiva.

Importa, porém, distinguir o marcador de negação metalinguística ‘nada’ do marcador com valor enfático, considerando que «O termo *negação enfática* tem sido usado para designar diferentes estratégias de reforço da negação. Em PE a negação enfática pode surgir sob a forma [Não_V_não] ou sob a forma [Não_V_nada].» (Pinto, 2010:19).

Negação independente vs. negação dependente

Tal como o próprio nome indica, a negação independente é aquela que resulta da aplicação de um marcador negativo ou de uma palavra com valor negativo a qualquer nível da estrutura sintática, sem que tenha sob o seu escopo qualquer outro termo negativo. Nestes casos, o marcador ocorre sozinho ou é independente de qualquer outro termo com valor negativo que também utilizado no mesmo enunciado.

Observando algumas frases da língua portuguesa, verifica-se que por vezes o constituinte negativo em posição pós-verbal está sob o escopo de negação oracional ou de outro constituinte negativo em posição pré-verbal. Por outras palavras, podemos afirmar que algumas palavras com valor negativo que ocorrem após o verbo exigem a presença de um marcador negativo ou de uma palavra com o mesmo valor em posição pré-verbal de modo a garantir a gramaticalidade do enunciado. Considera-se nestes casos que existe negação dependente, legitimada semanticamente pela presença de um operador pré-verbal correspondente a formas como ‘não’, ‘ninguém’ ou ‘nem’, entre outros.

Observem-se os exemplos:

(51) Não vi ninguém.

(52) Eu não disse nada.

- (53) Eu não disse isso a ninguém.
- (54) Este ano não estive bom tempo nem no Algarve.
- (55) Não quero nem ouvir falar desse assunto.
- (56) A Ana não foi à faculdade nem ontem nem hoje.
- (57) Não vi nem um lobo.
- (58) Não tinham lido o livro nem vinte estudantes.
- (59) O diretor não foi nada simpático.
- (60) Isto não é nem um hotel de cinco estrelas.

Ao analisar mais detalhadamente os operadores em posição pré-verbal que legitimam a concordância negativa, concluímos que se trata essencialmente de negações oracionais e negações existenciais, de entre as quais apenas fica excluído o sintagma nominal com o quantificador negativo ‘nem um’.

- (61) A Ana nem viu ninguém.
- (62) O Paulo saiu sem se despedir de ninguém.
- (63) Ninguém disse nada.
- (64) Nem o Pedro fez nada.
- (65) Nenhum jornalista fez nenhuma pergunta.
- (65a) *Nem um jornalista fez nenhuma pergunta.

Examinando estes e outros exemplos equivalentes, verificamos que os constituintes negativos que podem ocorrer em concordância negativa (os elementos concordantes) são legitimados por um operador negativo.

Repare-se no exemplo (61) «A Ana não viu ninguém [alguém] que a pudesse ajudar.». Na verdade, podemos verificar que, em alguns casos, a variação entre a forma negativa ‘ninguém’ e a correspondente afirmativa ‘alguém’ é livre.

5. Outras construções associadas à negação

5.1. Dupla negação

Podemos encontrar, em português, casos de dupla negação em que dois operadores negativos de natureza diferente ocorrem em sequência, anulando-se mutuamente. No entanto, Peres (2013) alerta para alguns condicionalismos no que se refere à natureza e à ordem dos operadores, uma vez que apenas envolve a negação oracional propriamente dita (simples, de subordinação e de coordenação) e o verbo negativo 'deixar'.

(66) Vou responder, não sem antes consultar um jurista.

(67) Não deixa de ser curioso o que me estás a dizer.

(68) O artigo foi contundente, sem deixar de ser tolerante.

5.2. Polaridade negativa

Existem, na língua portuguesa, expressões que são sensíveis a determinados valores presentes no contexto (por exemplo, valores aspetuais incoativos e cessativos, tais como 'Iniciei o jogo.' ou 'Terminei a reunião.'). Quando os valores apresentados são opostos, diz-se que as expressões de cada grupo têm uma polaridade. O termo polaridade, assim entendido por Peres (2013), «é pois um termo de uso geral, que não tem de se aplicar só à negação e que designa a distribuição sistemática de expressões em função de valores de contexto. Recentemente a expressão 'polaridade negativa' tem sido indevidamente usada, e sem qualquer vantagem, para substituir os termos mais simples 'negação' e 'valor negativo'» (Peres, 2013:493).

Em busca de algum rigor, o mesmo autor esclarece que, sempre que uma expressão for sensível à presença de um valor negativo no seu contexto, apenas podendo ocorrer se ele também estiver presente, diz-se que essa expressão é um item de polaridade negativa. Se, pelo contrário, determinada expressão apenas puder ocorrer num contexto positivo, dir-se-á nesse caso que apresenta polaridade positiva. (Não nos parece de todo adequado que, nestes casos, se recorra à expressão 'polaridade afirmativa' como fazem alguns autores, uma vez que o valor de pertença a um conjunto (valor positivo de determinada expressão) pode não

estar associado a uma frase afirmativa, já que o ‘valor afirmativo’ designa apenas o valor positivo de estruturas oracionais. A propósito, teremos os exemplos de (69) a (72).

(69) Ele mal falava.

(70) Este argumento é um pouco estranho.

(71) O conferencista já começou a falar.

(72) Tens toda a razão.

As expressões sublinhadas são sensíveis ao valor positivo, conforme se poderá comprovar se tentarmos passar as frases para a forma negativa. Ainda que algumas, em determinadas situações, possam ser admitidas como frases corretas, não serão a contrapartida negativa das frases apresentadas.

Tomando como exemplo a frase (69) «Ele mal falava.» cujo sentido parece ser claramente «Ele falava com dificuldade.», verificamos que a expressão sublinhada (aqui representada pelo advérbio ‘mal’) é sensível à construção sintática afirmativa, não admitindo como expressão de sentido oposto nenhum dos elementos que se seguem.

(69a) *Ele mal não falava.

(69b) *Ele bem falava.

(69c) Ele falava bem.

(69d) Ele não falava mal. Falava pessimamente!

Do mesmo modo, devemos reconhecer que, em português, existem algumas expressões sensíveis à negação. Analisem-se, a título de exemplo, as frases que se seguem e às quais não será possível suprimir o operador negativo sem afetar a gramaticalidade.

(73) Ela não mexeu uma palha.

(74) Não tínhamos um tostão furado.

(75) Fiquei sem pinga de sangue.

5.3. Coordenação com elipse

Segundo Cunha & Cintra (1998), «[o] empenho de maior expressividade leva-nos, com frequência, a superabundância, a desvios, a lacunas nas estruturas frásicas tidas por modelares. Em tais construções a coesão gramatical é substituída por uma coesão significativa, condicionada pelo contexto geral e pela situação.» (Cunha & Cintra,1998:613).

Enquanto processo expressivo, a elipse é um dos mecanismos gramaticais que permite a omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente recuperar. Para além de elipses do sujeito, da preposição que introduz certos adjuntos, da preposição 'de' antes da integrante e da conjunção integrante 'que'¹⁸, são também comuns os casos de elipse do verbo. Em português, a relação de coordenação entre duas orações estabelecida através do operador negativo 'nem' ou do negativo inclusivo 'nem mesmo' com elipse do sintagma verbal é possível desde que a frase base seja negativa, mas, mais uma vez, esta é uma condição necessária mas não suficiente, já que se excetuam algumas situações em que a frase base apresenta uma estrutura de negação de constituintes, como se observa pelos exemplos:

- (76) *Os alunos leram o livro nem mesmo o Paulo.
- (76a) Os alunos não leram o livro, nem mesmo o Paulo.
- (76b) Os alunos não leram o livro, nem mesmo o Paulo leu.
- (76c) Nenhum aluno leu o livro, nem mesmo o Paulo.
- (76d) *Nem todos alunos leram o livro, nem mesmo o Paulo.
- (76e) *Não muitos alunos leram o livro, nem mesmo o Paulo.
- (76f) *Não poucos alunos leram o livro, nem mesmo o Paulo.

A ocorrência de elipse do GV na oração iniciada pelo marcador 'nem' é mais ambígua na medida em que a frase só se torna gramatical quando os objetos das duas orações têm uma existência independente, ou seja, quando os seus referentes não são de modo algum partilhados (por holonímia ou hiperonímia), tal como se observa nos exemplos seguintes¹⁹.

¹⁸ Sobre os diversos casos de elipse gramatical, veja-se Cunha & Cintra (1989:614-615)

¹⁹ Exemplo da nossa autoria, que não se encontra na literatura consultada.

(77) Não vieram muitos alunos nem muitos professores.

(77a) Não vieram muitos alunos [nem vieram] muitos professores.

Deste modo, a negação oracional simples e a negação existencial parecem demarcar-se das restantes negações de constituintes, nomeadamente de cardinalidade, inferioridade e superioridade.

O mesmo, podemos verificar pela aplicação do operador ‘também’ seguido ou não da partícula negativa ‘não’.

(78) A Ana leu o livro e o Paulo também (leu).

(78a) * A Ana não leu o livro e o Paulo também (leu).

(78b) * A Ana leu o livro e o Paulo também não (leu).

(78c) A Ana não leu o livro e o Paulo também não (leu).

5.4. Negação expletiva

É frequente a ocorrência de operadores negativos que não têm qualquer valor semântico, dando origem a genuínas falsas negações oracionais. Designa-se negação expletiva o tipo de construção em que tal se verifica e nela podemos distinguir dois subtipos: um em que o operador negativo expletivo é como que uma duplicação relativamente a alguma expressão igualmente negativa ocorrente no contexto – por exemplo um verbo de carácter negativo como evitar, impedir, proibir – ficando perante uma negação expletiva redundante como de (79) a (82); noutro subtipo não existe nenhuma outra unidade de carácter negativo que justifique a ocorrência do operador expletivo – negação expletiva não redundante de (83) a (88).

(79) *Não* tarda muito que *não* chova.

(80) É difícil *não* lermos os resultados *sem* um profundo sentimento de nostalgia.

(81) *Não* poderia *deixar* de fazer outra coisa.

(82) Tal *não* impediu que *não* houve duras críticas.

(83) As coisas que eles não terão dito!

(84) O que eles não terão sofrido para subir aquela montanha!

(85) Quantas pessoas eu não conheço que aceitariam este trabalho!

(86) Imagino o que não vai ser preciso gastar nestas obras!

(87) Se o local não ficou mais bonito está pelo menos agora de cara lavada.

(88) Podemos sempre interrogarmo-nos sobre o que não teria já acontecido em alguns países.

6. Considerações finais

Estamos cientes de que a ocorrência da negativa em português excede os exemplos que seleccionámos para a abordagem que acabámos de apresentar, no entanto, neste capítulo procurámos dar conta da amplitude deste processo, no que respeita às implicações a nível sintático, morfológico, lexical e enunciativo.

Como facilmente se compreende, a nossa primeira preocupação conduziu-nos à delimitação do conceito de negativa, de acordo com a literatura disponível e de modo a estabelecer a base do trabalho que desenvolvemos ao longo do capítulo, mas acreditamos que só através de uma abordagem alargada e sistematizada poderemos obter sobre este assunto uma ideia mais completa e abrangente.

De seguida, caracterizámos genericamente os principais tipos de negação e apresentámos os marcadores negativos que podem ser usados em português para fixar o valor negativo, descrevemos os processos sintáticos que estão na base das construções negativas que evidenciam operadores negativos ou outros marcadores com escopo sobre uma proposição ou de um constituinte, sistematizámos as principais características destes marcadores e destacámos o seu valor. Depois de termos explicitado os processos morfológicos e lexicais que legitimam o valor negativo de uma palavra, alargámos o âmbito da nossa reflexão aos casos em que o sentido negativo de um enunciado decorre sobretudo da relação que se estabelece entre o conteúdo proposicional e a situação de enunciação.

Não quisemos concluir este capítulo, sem antes descrever outras construções associadas à negação que consideramos interessantes e que nos ajudam a alargar o nosso estudo a enunciados peculiares, com construções, como, por exemplo, a dupla negação e a coordenação com elipse verbal.

Após analisar diversos enunciados, concluímos que a negação oracional corresponde, efetivamente, ao tipo de negação sintática mais generalizado no português europeu atual e é certamente a forma mais fácil de identificar a negação, quanto mais não seja pelo recurso frequente ao marcador canónico 'não' utilizado em posição pré-verbal, associado ou não a outras palavras negativas que possam estar sob o seu escopo.

Sem prejuízo do que acabámos de afirmar, podemos constatar que, em línguas naturais como o português, é comum encontrarem-se, na mesma estrutura frásica, vários processos de negação diferentes. Os mecanismos morfológicos, os mecanismos lexicais e, em

especial, a negação de constituintes são processos frequentes nos textos observados e não raras vezes coocorrem com a negação oracional (comum, de coordenação ou de subordinação).

Impõe-se, todavia, recordar que a negação é uma operação de modificação, que atua não apenas a nível das várias estruturas sintagmáticas como também a nível pragmático, e que muitas vezes vai além da função de se opor ao sentido positivo, consubstanciada na negação da existência ou de exclusão de um elemento face a um conjunto.

Podemos, hoje em dia, reconhecer vários casos em que, independentemente da marcação negativa, determinado enunciado assume essencialmente um valor enfático, aspetual, polémico ou metalinguístico, intimamente relacionado com o universo referencial e pouco associado ao sentido literal dos termos linguísticos que o constituem. Julgamos, por isso, fundamental o contributo da semântica textual (ou enunciativa) para o estudo da negativa em português.

CAPÍTULO II – A negação nos provérbios portugueses

1. Considerações gerais acerca deste estudo

Não há rifão velho, se é dito a propósito.

Optámos por dedicar parte do nosso trabalho ao estudo do património linguístico português correspondente aos provérbios populares, de modo a dar conta dos padrões frásicos associados à negativa. Estamos certos de que os provérbios que, atualmente, são evocados na oralidade ou que vemos regularmente reproduzidos na comunicação social e na literatura, por exemplo, são um legado extraordinário não só no que respeita à forma de pensar, aos costumes e aos saberes da comunidade que os adota, mas fundamentalmente no que se refere ao uso da linguagem verbal, à estruturação do discurso e à organização das sequências frásicas. A abrangência do seu campo referencial, apesar de contrastar com alguma padronização ao nível estrutural, permite que estes textos de origem remota e coletiva continuem, ainda hoje, a ser reproduzidos tão adequadamente como se tivessem sido criados exclusivamente para os fins que servem.

Assim sendo, os provérbios portugueses apresentam-se como um *corpus* alargado, reconhecido e utilizado por um elevado número de indivíduos, independentemente da sua competência metalinguística, e que permite observar a ocorrência das estruturas identificadas no capítulo I deste trabalho.

Neste capítulo, procuramos, por meio de uma análise tão ampla quanto possível, identificar os mecanismos de negação que ocorrem num número significativo de provérbios portugueses, observar o seu contributo para o desenvolvimento do processo comunicativo e examinar, eventualmente, algumas especificidades relacionadas com a marcação do sentido negativo nestes textos. Decorrente do estudo semântico, será também curioso observar se os provérbios podem evidenciar um valor negativo, face ao contexto enunciativo, independentemente da presença de marcadores negativos.

Apesar de a análise do ponto de vista sintático ser comumente aceite como a que conduz explicitamente à identificação de enunciados negativos escritos em português, sabemos que a língua, tal como se pode entender no capítulo anterior, disponibiliza uma larga multiplicidade de processos que permitem contrastar o valor positivo e o valor negativo,

marcando tanto a não existência como a não pertença de um elemento a um conjunto ou ainda dando conta do grau de afastamento de uma elemento face a um centro referencial determinado (geralmente correspondente a determinada propriedade ou conjunto de propriedades). Seja qual for a situação, tal como já referimos anteriormente, a negação equivale a uma propriedade com realização ao nível semântico-pragmático, independentemente das características que possa apresentar em termos estruturais.

Relativamente à metodologia adotada e à estrutura do presente capítulo, podemos referir que, num momento inicial, como complemento da delimitação do conceito de provérbio, apresentamos os principais traços caracterizadores deste tipo de texto para que possa haver, sobre esta matéria, uma perspetiva clara e abrangente.

De seguida, já com enfoque no tema principal desta dissertação, distinguimos os enunciados em que a negação decorre de mecanismos sintáticos dos que não seguem o mesmo critério, ou seja, analisamos, isoladamente, casos de negação oracional (simples, de coordenação e de subordinação) e de negação de constituintes para, a partir deles, analisar o estatuto gramatical do operador utilizado, o seu escopo e as conseqüentes implicações para o valor semântico do enunciado.

Numa fase ulterior, destacamos os provérbios cujo valor negativo decorre de outros aspetos que não os sintáticos, analisando e tipificando os mecanismos lexicais, morfológicos e enunciativos encontrados.

Estamos confiantes de que as apreciações finais referentes a este capítulo venham a demonstrar que, mais do que útil, é enriquecedor fazer uma análise conjunta da negativa e dos provérbios nas aulas de Português, observando obviamente o princípio da *progressão*, ou seja, «à luz da noção de que o processo de ensino e aprendizagem progride por patamares sucessivamente consolidados»²⁰. Por isso, atendendo às conclusões alcançadas, estaremos em condições de apresentar, no capítulo III, algumas propostas de abordagem destes conteúdos em contexto escolar.

²⁰ Programa e Metas Curriculares de Português para o Ensino Básico, Ministério da Educação/D.G.E., Lisboa, 2009:9

2. Identificação do *corpus* em análise

Para constituir o *corpus* deste trabalho, consultámos algumas recolhas portuguesas de provérbios²¹ que no nosso entender pudessem servir o propósito de nos apresentar material parcialmente sujeito a observação e estudo, por (a) ser reiteradamente utilizado como parte do fundo cultural português; (b) apresentar em algum nível da sua estrutura linguística (palavra, grupo ou frase) marcação do valor negativo; (c) com base na experiência profissional, reconhecermos que permitir uma abordagem da negação em contexto escolar, assumindo-se como um instrumento pedagógico de elevado potencial. Tivemos também a preocupação de incluir no *corpus* variantes de um mesmo provérbio sempre que as alterações registadas se relacionassem com a marcação do valor negativo.

Depois de tipificar as ocorrências de asserções negativas, selecionámos exemplos paradigmáticos que pudessem ilustrar a análise apresentada, com a convicção de que as conclusões decorrentes possam ser generalizáveis ao conjunto dos provérbios.

²¹ A fonte bibliográfica privilegiada no nosso estudo foi Machado (1998), embora tivéssemos consultado também Moreira (1997) e o Dicionário de Provérbios (2000), no intuito de confirmar as nossas recolhas.

3. Características gerais do texto proverbial

Com vista ao enquadramento teórico do tema deste capítulo, julgamos importante começar por clarificar o conceito de provérbio e destacar as principais características deste tipo de estrutura.

Numa aceção preliminar simples, podemos entender o provérbio como um texto breve e sentencioso, que se transmite oralmente de geração em geração, acabando por adquirir o estatuto de texto anónimo institucionalizado. Através dele, transmite-se uma dada visão do mundo, sob a forma de supostas verdades omnitemporais que configuram regularidades induzidas por generalização empírica, consensualmente aceites pela comunidade, e veiculam normas de conduta socialmente consideradas exemplares.

Segundo Lopes (1992), «a *παροιμία* ou o *proverbium* caracterizavam-se, na antiguidade greco-latina, por dois traços essenciais: verdade e atemporalidade. Sendo considerado fruto de antiga sabedoria, o provérbio impõe-se como argumento de autoridade justamente porque veicula assunções comumente reconhecidas como verdadeiras. Deste modo, não admira que Aristóteles, na parte da Retórica consagrada à *inventio* (a arte de descobrir materiais verdadeiros ou verosímeis suscetíveis de tornarem plausível o objeto do discurso), inclua os provérbios no conjunto das "provas não artificiais", correspondente ao conjunto dos factos reais» (Lopes, 1992:9).

No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, define-se provérbio como uma «frase curta, geralmente de origem popular, frequentemente com ritmo e rima, rica em imagens, que sintetiza um conceito a respeito da realidade ou uma regra social ou moral, integrando algum tipo de alegoria ou ensinamento (p. ex.: “Deus ajuda a quem madruga.”)» (Houaiss, 2001).

Noutra perspetiva, «seguindo a classificação de H. Burger (Berlim, 2003), e segundo um critério funcional, os provérbios são categorizados como fraseologias de valor referencial que possuem a capacidade para realizar asserções sobre objetos e “estados de coisas” (“Em casa de ferreiro, espeto de pau», «A galinha da vizinha é sempre melhor do que a minha”))²².

²² Disponível em: <http://www.ciberduvidas.pt>

Podemos perceber ainda que «Na esteira do legado greco-latino, os provérbios têm sido definidos como sentenças lapidares e concisas que o uso popularizou e consagrou. Ao contrário dos aforismos, apotegmas e máximas, textos breves que correspondem a ditos memoráveis de personagens ilustres, e que por isso mesmo possuem um autor reconhecido, os provérbios circulam sempre como textos anónimos, veiculados oralmente. Muitas vezes utilizam-se em português outros termos sinónimos ou parassinónimos do termo provérbio, nomeadamente 'adágio', 'rifão', 'ditado' e 'anexim'» (Lopes, 1992:9-10).

A questão da origem e a equação dos papéis de autor e de enunciador são aspetos pertinentes, que têm merecido a atenção de muitos autores, no entanto, examinar a origem do texto proverbial constituiria um trabalho exaustivo que não se pretende para este estudo. Recordamos apenas que existem razões para considerar que vários provérbios que ainda hoje utilizamos possam ter tido origem na Bíblia ou noutras obras escritas em épocas remotas por autores de referência, talvez devido ao seu carácter prescritivo, simples e de fácil memorização.

A autoria coletiva e nem sempre delimitável no espaço e no tempo poderia conduzir-nos a outra questão que, modernamente, tem cativado alguns investigadores: “que fatores têm conduzido à sobrevivência dos provérbios e à sua apropriação por parte de uma dada comunidade?”. Embora não seja fundamental para o nosso trabalho, este é, aliás, segundo Lopes (1992), o aspeto mais peculiar do provérbio e para o qual pretende encontrar algumas respostas na sua dissertação - a contradição algo paradoxal entre a extrema flexibilidade de adequação contextual e o carácter fortemente cristalizado deste tipo de texto. A mesma autora clarifica aquilo que define como o “estatuto híbrido” do provérbio, um texto simultaneamente fechado e aberto, «*fechado*, na medida em que transporta consigo uma interpretação-padrão estável no seio da comunidade; *aberto*, na medida em que faculta uma multiplicidade de leituras, condicionadas pelas situações em que é invocado» (Lopes, 1992:2).

4. Análise descritiva da ocorrência da negativa em provérbios

Sabendo que o provérbio corresponde geralmente a uma frase curta, que encerra um pensamento ou uma moral que se pretende veicular e, por isso, tende a ser concisa e de fácil memorização, seria expectável que se configurasse numa estrutura simples, composta essencialmente por sujeito e predicado. No entanto, como veremos mais adiante, há diversas razões que levam a que, em muitos casos, estes enunciados encerrem duas ou mais predicções, ficando parte do significado do provérbio assente na relação semântica estabelecida entre elas.

Não obstante o que acabámos de afirmar, há também em português, e mais especificamente no *corpus* selecionado para o nosso trabalho, alguns provérbios que apresentam apenas uma predicção na sua estrutura.

Começamos por dar conta da aplicação do operador negativo ao constituinte GV com a função de predicado e de núcleo oracional, identificando os operadores e a sua influência na estrutura da frase. Sempre que se justificar, daremos conta dos casos em que a estrutura oracional complexa surja assente no valor negativo.

Posteriormente, seguir-se-á a descrição dos processos de negação dos constituintes associados à predicção, nomeadamente, o sujeito, alguns adjuntos e modificadores.

4.1. Negação sintática em provérbios

Decorrente da análise linguística dos provérbios recolhidos, verificámos, ainda que de forma empírica, que a negação sintática ocorre num número considerável de casos, pelo que se figurou, desde logo, necessário distinguir os diferentes tipos de construção negativa.

Considerando os casos em que a marcação do valor negativo é expressa pela presença de operadores próprios ('não', 'nem' e 'sem'), importa antes de mais distinguir se o marcador se associa à predicção (negação oracional) ou se esse marcador exerce influência sobre outro constituinte da frase (negação de constituintes). No que diz respeito à aplicação dos operadores 'nem' e 'sem', examinaremos a sua atuação na articulação estruturas oracionais de modo a estabelecer relações de coordenação ou de subordinação.

A negação oracional, tal como referimos no capítulo anterior, inclui todos os casos em que o operador negativo tem valor adverbial e tem escopo sobre o predicado bem como aqueles em que assume o estatuto de conjunção (subordinativa ou coordenativa), introduzindo uma nova oração. Sobre isso, observem-se os seguintes exemplos em que o marcador se encontra destacado em itálico:

- (1) A quem é rico *não* faltam parentes.
- (2) Desconfiar de ladrão *não* é pecado.
- (3) Quem o herda *não* o furta.
- (4) Só *não* se acaba o que *nunca* se começa.
- (5) *Sem* ser convidado, *não* vás a bodas nem a batizados.
- (6) *Não* devas a quem deveu *nem* sirvas a quem serviu.
- (7) *Não* há luar como o de janeiro *nem* amor como o primeiro.
- (8) *Nem* o bem é eterno *nem* o mal duradouro.
- (9) Moças, flores e fitas, *não* há feias *nem* bonitas.

Embora vários fatores os distingam, todos os provérbios anteriormente apresentados possuem uma estrutura oracional negativa marcada pela presença dos marcadores ‘não’ e ‘nem’, da preposição com valor conjuncional ‘sem’ ou do adjunto adverbial com valor negativo ‘nunca’ em posição pré-verbal. Estamos, por isso, perante diferentes casos de negação oracional comum e explícita²³.

As construções apresentadas em (1), (2), (5), (6), (7) e (9) assemelham-se pela ocorrência marcador canónico ‘não’ imediatamente antes do verbo, em (3) ‘não’ surge antes de um pronome proclítico e em (4) antecede uma partícula apassivante também em posição proclítica.

O provérbio apresentado em (2) é marcado ainda pela presença de um processo morfológico de prefixação negativa no termo ‘desconfiar’ utilizado na primeira oração com sentido equivalente a “*Desconfiar/não* confiar de ladrão não é pecado”, no entanto, daremos conta dos processos morfológicos de forma mais aprofundada no ponto 4.2. deste capítulo.

Em (4), podemos considerar que o recurso à palavra ‘nunca’, com valor negativo

²³ De acordo com a terminologia de Peres (2013).

universal em posição pré-verbal, apenas é possível pela omissão do marcador canónico, que poderia perfeitamente surgir na proposição equivalente, como se observa em “*não se começa nunca*”, obrigando à deslocação do modificador ‘nunca’ para uma posição pós-verbal.

A impossibilidade de coocorrência dos dois termos antes do verbo indicia que ‘nunca’ em posição pré-verbal assume o valor do marcador negativo, como se pode concluir pelos exemplos referentes ao mesmo provérbio e em que os operadores se encontram assinalados a itálico:

(4) Só *não* se acaba o que *nunca* se começa.

(4a) Só *não* se acaba o que *não* se começa.

(4b) * Só *não* se acaba o que *não nunca* se começa.

(4c) * Só *não* se acaba o que *nunca não* se começa.

Em (5) utiliza-se a palavra ‘sem’ no início de uma estrutura oracional não finita infinitiva que, deste modo, adquire um valor subordinativo condicional face à outra oração, ou seja, transmite-se a ideia de que “se não fores convidado, não vás a bodas nem a batizados”.

Os provérbios apresentados em (6), (7) e (8) apresentam cada um uma estrutura oracional complexa, assente numa relação de coordenação, sendo o valor negativo da segunda oração associado ao da primeira por recurso ao marcador ‘nem’. Em (6) e (7) observa-se uma estrutura do tipo [‘não’ x ‘nem’ y] enquanto em (8) se recorre à correlativa [‘nem’ x ‘nem’ y].

Por outro lado, tal como se verifica em (2), (4), (5), (6), (7), (8) e (9), não raras vezes o provérbio comporta mais que um processo distinto de marcação do valor negativo²⁴.

Podemos examinar a ocorrência dos indefinidos negativos - ‘nada’, ‘nunca’, ‘ninguém’, e ‘nenhum’ - em diversos textos proverbiais, dando conta essencialmente do seu contributo para o valor negativo como marcadores indefinido, independentemente do seu estatuto morfológico.

²⁴ Nestes casos, na abordagem apresentada poderemos não fazer referência a todos os processos, optando por mencionar apenas os mais significativos para a temática em estudo.

Em alguns provérbios portugueses, os advérbios ‘nunca’ e ‘jamais’ surgem em posição pré-verbal, assumindo o papel de marcador negativo do núcleo do sintagma verbal, como aqueles que se seguem:

(10) Homem rico *nunca* é feio.

(11) *Jamais* serão boas, a couve requeitada e a mulher a casa tornada.

Contudo, salientamos o seguinte exemplo:

(12) *Nunca ninguém* enriqueceu a fazer trocos.

Ao observar a coocorrência de ‘nunca’ e ‘ninguém’ em posição pré-verbal, podemos concluir que a concordância negativa destes constituintes acaba por legitimar o valor positivo do termo quantificacional ‘ninguém’, uma vez que a sua substituição pelo correspondente positivo ‘uma pessoa’ não causaria alterações semânticas no enunciado: [Nunca *ninguém/uma pessoa* enriqueceu a fazer trocos].

Para além da utilização de marcadores negativos (como ‘não’ e ‘nem’) e de palavras gramaticais intrinsecamente negativas (como ‘nunca’ e ‘ninguém’), encontramos com frequência o recurso ao marcador de negação ‘nada’, dispensando a presença do marcador negativo canónico sempre que, tal como nos exemplos que se seguem, surge em posição pré-verbal.

(13) *Nada* duvida quem *nada* sabe.

(14) *Nada* escapa aos homens senão o vinho que as mulheres bebem.

(15) A quem quer *nada* é difícil.

Em (13), a interpretação semântica pode ser ambígua, entre uma interpretação de ‘nada’ pronominal ou adverbial, aceitando-se como possível a semelhança com diferentes estruturas:

(13a) *Não* duvida [de nada] quem *nada* sabe.

(13b) [*Muito*] duvida quem sabe [*muito*].

Já no exemplo (14) não há ambiguidade, o ‘nada’ é pronominal²⁵, uma vez que o sentido da frase é equivalente a:

(14a) *Não* escapa [*nada*] aos homens senão o vinho que as mulheres bebem.

Relativamente ao exemplo indicado em (15), voltamos a reconhecer alguma ambiguidade na medida são possíveis várias situações, dependendo da intencionalidade comunicativa.

(15a) A quem quer não é [*nada*] difícil. (neste caso é clara a força quantificacional de intensidade).

(15b) A quem quer [coisa nenhuma] é difícil. (‘nada’ é parafraseável por ‘coisa nenhuma’, obtendo a sua contrapartida em “A quem não quer [tudo] é difícil”).

Percebemos, então, que ‘nada’ é uma palavra com valor negativo que ocorre com alguma frequência em textos proverbiais mas pode assumir diversas funções, exigindo uma análise cuidada e atenta, tendo em conta:

- a. que a sua localização na frase não decorre diretamente da função sintática que desempenha, ou seja, a sua ocorrência parece estar mais dependente dos operadores com que ocorre do que da sua função sintática;
- b. quando ‘nada’ se encontra à direita do verbo parece exigir a presença de um marcador negativo em posição pré-verbal, que o legitime pela relação de escopo (ou seja, em concordância negativa), como nos provérbios que se seguem.

(16) *Não* há nada como um dia atrás do outro.

(17) *Não* há nada que o ouvido do ciúme não ouça.

²⁵ ‘ninguém’ nega todos os elementos que poderiam realizar o sujeito, sendo equivalente a ‘uma pessoa’ porque se trata de um genérico negado por ‘nunca’.

- c. por fim, que ‘nada’ pode assumir valor pronominal, adverbial ou de partícula refutativa²⁶ (embora esta última situação não se verifique em enunciados do tipo proverbial) dependendo da natureza semântica do verbo da frase.

A propósito do uso de ‘nada’, esclareça-se que, em alguns enunciados, em que tem valor pronominal, equivalente a ‘algo’ e ‘tudo’, fazendo referência a uma realidade ou aos seus elementos, podendo antepor-se ao verbo sem causar agramaticalidade; noutras situações, em que tem valor adverbial (ou quantificacional), é comparável a ‘muito’ e ‘pouco’ e ocorre sempre após o verbo, sob o escopo de um operador negativo, por fim, enquanto partícula refutativa, não pode ser anteposto ao verbo e a sua presença na frase é facultativa.

Relativamente ao marcador negativo ‘nem’, tradicionalmente portador de um valor conjuncional, é possível que, como já foi referido no capítulo I deste trabalho, em determinadas situações confira à frase um sentido implícito, condicionado pela especificidade do contexto situacional em que emerge, geralmente como marcador único, e obtido por inferência. Tomamos em consideração provérbios como os apresentados em (18), (19) e (20).

(18) Por cima de comer nem um escrito ler.

(19) Preso, nem para comer doce.

(20) Pragas com razão nem se rogam a um cão.

Nestes casos, podemos aceitar que o recurso ao marcador ‘nem’ com valor enfático indicia que o universo referencial que levou à afirmação era mais alargado e comportava outras situações que, nos três exemplos apontados, se pretendem negar mas que aqui se deixam implícitas.

Ao longo da nossa leitura, encontrámos ainda um conjunto de provérbios em que a marcação do valor negativo está associada a um constituinte frásico, ou pela anteposição de um quantificador negativo ou pela aplicação de um adjunto iniciado por ‘sem’ – nestes casos consideramos estar perante uma negação de constituintes.

²⁶ Vejam-se alguns exemplos da nossa autoria que ilustram estas situações: “A criança não comeu nada./A criança nada comeu.” (valor pronominal); “O anel não brilha nada./*O anel nada brilha.” (valor adverbial); “Ele não morreu nada!/*Ele nada morreu!” (valor refutativo).

Em alguns provérbios, o operador negativo utilizado apresenta, simultaneamente, um valor de negação e um valor de quantificação, ainda que este último possa estar implícito. Nestes casos, um dos marcadores 'não' ou 'nem' precede, imediatamente ou não, um sintagma nominal quantificado, gerando, por meio de diferentes processos, uma complementaridade de valores.

Exemplificam-se de seguida algumas ocorrências em que operador negativo surge a itálico e o quantificador se encontra sublinhado.

- a. Negação quantificacional por aplicação direta de um operador negativo ('não'/'nem') a um quantificador:

(21) *Nem todos* os que vão à guerra são soldados.

(22) *Nem tudo* o que vem à rede é peixe.

(23) *Nem todo* o homem sabe sê-lo.

- b. Negação quantificacional por aplicação do operador negativo 'nem' a uma expressão adverbial com valor universal:

(24) *Nem sempre* o que parece é.

(25) *Nem sempre* o que luz é ouro.

- c. Negação quantificacional por meio de expressões intrinsecamente negativas (autonegativas) por recurso a termos-n:

(26) *Nunca* peças a quem pediu *nem* sirvas a quem serviu

(27) *Nunca* falta texto para uma panela.

(28) As mulheres de certa idade *nunca* têm idade certa.

(29) *Nunca* faças nada sem consultar a almofada.

(30) Quem deixa de ser amigo *nunca* o foi.

(31) *Ninguém* foge ao seu destino.

(32) *Ninguém* é rei na sua terra.

(33) Em casa onde não há pão, todos ralham e *ninguém* tem razão.

A ocorrência de 'ninguém' após o verbo com a função de objeto direto, tal como acontece com a palavra 'nada', requer a utilização de um marcador negativo em posição pré-verbal, sem o qual a frase se torna agramatical.

(34) Não há ninguém que não carregue a sua cruz.

(34a) *Há ninguém que não carregue a sua cruz.

d. Negação quantificacional por aplicação do operador negativo a sintagmas nominais coordenados:

(35) A morte não escolhe nem reis nem pobres.

(36) A balança quando trabalha não reconhece ouro nem chumbo.

4.2. Negação morfológica em provérbios

Tal como noutra tipo de textos, também nos provérbios portugueses se empregam palavras que adquirem sentido negativo por anteposição de elementos de sentido negativo. Correspondem essencialmente a nomes, adjetivos e verbos que, através de um processo de derivação morfológica, adquirem um sentido contrário, de antonímia (ou modalidade contrária), no entanto, há também a registar situações em que a palavra derivada adquire um significado diferente, e não necessariamente contrário, após a associação do prefixo (modalidade contraditória). Reforçamos a ideia (já expressa no capítulo I) de que é necessário analisar, conjuntamente, as alterações estruturais da palavra e as consequências semânticas daí decorrentes. Para ilustrar o que acabámos de apresentar, propomos a leitura dos provérbios de (37) a (45), nos quais se encontram sublinhadas as palavras que contêm morfemas negativos.

(37) Desconfiar de todos é triste vida.

(38) Acabou-se a festa, desarmou-se a igreja.

(39) Desconfia daqueles a quem tiveres feito o bem.

(40) Desmentir sem razão é bofetada sem mão.

- (41) Infeliz ao jogo, feliz aos amores.
- (42) Na desconfiança é que está a segurança.
- (43) O amor próprio é o maior inimigo da verdade.
- (44) Quando a esmola é muita, o santo desconfia.
- (45) Quem foi infiel uma vez sê-lo-á duas ou três.

Em termos categoriais, encontram-se exemplificados processos morfológicos de formação de palavras referentes às classes do nome, em (42) e (43), do adjetivo, em (41) e (45) e do verbo, na forma finita, em (38), (39) e (44), e na forma não finita com valor nominal, em (37) e (40). Após a aplicação dos prefixo *des-* e *in-*, não se verificou alteração da classe gramatical de nenhum dos termos, no entanto, devemos considerar que em todos os casos se obteve na palavra derivada o antónimo da palavra base, à exceção do exemplo indicado em (40). Neste caso, segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (Porto Editora, 2012), “desmentir” deve ser entendido como «v. tr. 1 declarar (a alguém) que não diz a verdade 2 negar (o que alguém disse); contradizer 3 negar a evidência de (um facto) 4 não corresponder à expectativa 5 [fig] não condizer com; destoar de». Deste modo, não é o antónimo de “mentir” e não se pode parafrasear o exemplo de (40) por “Não mentir sem razão é bofetada sem mão.”.

4.3. Negação lexical em provérbios

O processo de negação lexical diz respeito aos casos em que, a partir da interpretação semântica, se recorre ao uso de termos negativos que estabelecem um contraste com outro termo de sentido positivo, nesta situação encontram-se alguns pares de tipo antonímico que não partilham a mesma etimologia. Mais uma vez, o entendimento do valor negativo requer uma interpretação semântica do enunciado, de modo a estabelecer um contraste entre termos de sentido contrário.

Como exemplo de enunciados que devem ser interpretados a partir do valor antonímico de algumas das palavras que os constituem, podemos encontrar provérbios como o que se encontra em (46), que parece salientar a alternância entre as ações de “falar” e “calar” como equivalentes a “ter importância” e “não ter importância”, sendo esta ideia reforçada pelo traço não humano dos respetivos sujeitos.

(46) Quando o dinheiro fala, a verdade cala.

Nos casos que se seguem, a dicotomia é menos controversa uma vez que assenta no valor dos antónimos de natureza adverbial ‘bem’ e ‘mal’.

(47) Não há bem que sempre dure nem mal que nunca acabe.

(48) Não há mal que sempre dure nem bem que não se acabe.

(49) O bem não dura e o mal chega.

Para além destes casos, em que ambos os termos estão explícitos e são responsáveis pela dicotomia que estrutura o provérbio, há outros em que a relação de antonímia surge implícita.

(50) A vida mal passada faz a velhice pesada.

(51) Mal por mal, antes na cadeia que no hospital.

(52) Para mal falar antes calar.

Os termos sublinhados não são antónimos mas, neste contexto, surgem como a alternativa um do outro.

Ainda no que respeita ao contraste semântico, podemos identificar outros elementos linguísticos que, embora não apresentando semelhanças etimológicas, têm o seu equivalente na negação de outras palavras ou paráfrases que se lhes opõem semanticamente.

Na maior parte dos casos, esta situação está relacionada com verbos, como se exemplifica em (53) e (54), mas os exemplos (55) e (56) demonstram que este processo lexical pode estar ligado a outras categorias, não dispensando uma interpretação semântica similar.

(53) Quem tudo quer tudo perde.

(54) Quem tudo dá tudo nega.

(55) Na falta de capão, cebola e pão.

(56) A vantagem de quem sabe está na ignorância de quem não sabe.

4.4. Negação enunciativa em provérbios

Como ficou claro no capítulo I (ponto 4.4.), é possível que alguns enunciados, independentemente das suas características formais (referimo-nos, essencialmente, à construção negativa ou afirmativa), possuam um valor enunciativo próprio, apenas fixado pela relação que se estabelece entre o conteúdo proposicional desse enunciado e a situação de enunciação em que é utilizado.

- **Com valor implícito**

Quando, num contexto conversacional, decidimos reproduzir um provérbio estamos quase sempre a beneficiar de um enorme potencial semântico. O valor referencial de alguns enunciados pode comportar um sentido negativo implícito que tanto o locutor como o seu interlocutor deverão partilhar. Vejam-se os provérbios indicados em (57) e (58).

(57) Não há nada tão forte que o não derrube a morte.

Implicitamente, podemos fazer entender ao interlocutor que “quem é forte não é derrubado com facilidade”.

(58) A cavalo dado não se olha o dente.

Este provérbio encerra em si um valor implícito equivalente a “Devemos agradecer o que recebemos ou temos”. Tanto o exemplo (57) como o (58) poderiam surgir num diálogo em que um dos intervenientes pretendesse, eventualmente, fazer uma advertência ou chamar a atenção para as possíveis consequências de determinado ato.

Podemos ainda afirmar que, nestes casos, o recurso a uma asserção de valor genérico, legitimada pela sabedoria popular, evita o comprometimento do enunciador e confere irrefutabilidade ao conteúdo proposicional.

- **Com valor refutativo**

Considerando que a refutação ocorrerá prototipicamente em textos dialogais, por recuperação de enunciado anteriormente produzido, não é expectável que o texto proverbial adquira valor refutativo, por corresponder a estruturas relativamente fixas pré-definidas. No entanto, admitimos que alguns provérbios possam assumir um carácter refutativo, se num contexto de diálogo, após a realização de um enunciado como “Já está tudo concluído. Trabalhei depressa e bem!”, o interlocutor responder, citando um dos três provérbios que de seguida se apresentam e parecem ser realizações equivalentes:

- (59) Depressa e bem há pouco quem.
- (59a) Depressa e bem não há quem. (Var.)
- (59b) Depressa e bem ninguém. (Var.)

- **Dependente do contexto discursivo**

Os fenómenos linguísticos de concordância negativa que marcam a dependência semântica de um termo negativo pós-verbal que se encontra no escopo de um operador em posição pré-verbal garantem a gramaticalidade de enunciados como os que de seguida se mencionam a título de exemplo.

- (60) Quem corre a duas lebres não apanha nenhuma.
- (60a) Galgo que corre a duas lebres não apanha nenhuma. (Var.)
- (61) Quem serve a todos não serve a ninguém.
- (62) Quem vive à toa não tem tempo para nada.

O termo negativo ‘nada’ em posição pós-verbal, utilizado no exemplo (62), apresenta polaridade negativa, uma vez que a gramaticalidade da frase depende da sua ocorrência sob o escopo de operador pré-verbal que neste caso é o advérbio ‘não’. Diferente situação podemos observar em provérbios como o indicado em (63) uma vez que ‘nada’ antecede o verbo.

- (63) Quem tudo quer nada tem.

4.5. Coordenação com elipse em estruturas proverbiais

Há provérbios portugueses que apresentam uma estrutura oracional complexa marcada pela elipse da forma verbal de uma das orações. Nestes casos, à frase base de valor negativo, é adicionada a que contém uma elipse através do operador inclusivo negativo ‘nem mesmo’.

(64) Nada é eterno nem mesmo os nossos problemas. (Este provérbio equivale a “Nada é eterno nem mesmo os nossos problemas [são eternos]”).

4.6. Negação expletiva em provérbios

É possível distinguir alguns provérbios como os que se apresentam de (65) a (68) em que os operadores negativos não têm qualquer valor semântico, dando origem a genuínas falsas negações oracionais. Nestes casos a negação é redundante, uma vez que o operador negativo expletivo corresponde a uma duplicação relativamente a outra expressão igualmente negativa ocorrente no contexto. Nos exemplos que apresentamos, as estruturas sintáticas negativas mantêm o mesmo valor das suas correspondentes positivas.

(65) Não há fome que não traga fartura.

(65a) Não há fome que não dê em fartura. (Var.)

(66) Não há fartura que não traga fome.

(67) Não há função nem brincadeira que não acabe em bebedeira.

(68) Não há gosto que não custe.

Os provérbios anteriores encontram o seu equivalente semântico em:

(65b) A fome traz fartura.

(66a) A fartura traz fome.

(67a) A função e a brincadeira acabam em bebedeira.

(68a) Todos os gostos custam.

(68b) Tudo o que dá gosto custa.

4.7. Estrutura [não há x sem y]

Apesar de nem todos os autores considerarem tratar-se de um traço distintivo pertinente, a verdade é que a maioria dos provérbios apresenta claramente uma estrutura bipartida, em que a primeira parte apresenta o “tema” e a segunda, o “comentário”.

A este propósito, Lopes (1992) relembra que «o provérbio deve ser analisado em termos de "topic-comment structure". O "tópico" é aquilo de que se fala, o "comentário" é aquilo que se diz acerca do tópico. Um tópico e um comentário formam um "elemento descritivo", na terminologia de Dundes.» (Lopes, 1992:25).

Entre o “tópico” e o “comentário”, pode estabelecer-se uma relação de identificação ou “equacional” (veja-se “Tal pai, tal filho.”: $A = B$) ou de contraste ou “oposicional” (como em “Nem tudo o que luz é ouro.”: $A \neq B$). De qualquer forma, o homem parece ter encontrado neste tipo de estrutura-padrão uma forma simples e eficaz de generalizar o conhecimento que vai tendo do mundo e aquilo que para muitos, a determinada altura, se afigura como uma verdade, não necessariamente uma verdade absoluta mas uma afirmação de natureza universal que, continuará a ser entendida como tal, ainda que em casos particulares possa ser contestada. O valor referencial destas afirmações é um valor genérico que resulta essencialmente da relação que se estabelece entre o provérbio e o mundo real.

No *corpus* do nosso trabalho, destacamos alguns casos que nos parecem peculiares, nomeadamente para o estudo da negativa. Referimo-nos à estrutura “não há x sem y”, que se encontra em textos como os apresentados de seguida.

a. Por recurso a pares antonímicos ou contrastivos:

(69) Não há proveito sem custo.

(70) Não há subida sem descida.

(71) Não há regra sem exceção.

Nestes exemplos, o contraste entre antónimos ou palavras interpretadas como tal pode assumir um carácter polémico se entendermos este enunciado como refutativo face a

uma eventual pré-construção afirmativa que se pretende contestar (do género de “há regras sem exceção.”).

b. Por redução do universo de referência, recorrendo à meronímia:

(72) Não há rosas sem espinhos.

(73) Não há sacos sem fundo.

(74) Não há roca sem fuso.

O recurso a merónimos, nestes enunciados, contribui para uma melhor identificação entre o holónimo e o respetivo merónimo, intensificando-se o valor de dependência pelo recurso à dupla negação.

c. Com base na relação “causa-efeito”:

(75) Não há fumo sem fogo.

(76) Não há ganho sem trabalho.

(77) Não há talho sem trabalho.

A estrutura bipartida aponta para uma relação de causa e consequência em que muitas vezes é evidenciada uma causa que se encontra oculta, visto que, utilizando o exemplo (75), a realidade (o “fumo”) indicia uma situação que supõe prévia (o “fogo”). Este tipo de provérbios é mencionado, geralmente, quando se pretende valorizar a razão de existência de determinado indício ou sinal.

d. Realçando uma condição necessária:

(78) Não há rifão velho se é dito a propósito.

(79) Não há missa sem sacristão.

(80) Não há omeletes sem ovos.

(80a) Não se faz omelete sem ovos. (Var.)

(80b) Ninguém faz omelete sem ovos. (Var.)

(80c) Sem ovos não se fazem omeletes. (Var.)

(81) Não há pastor sem rebanho.

(82) Não há quarenta sem zero.

Nos provérbios de (78) a (82) é notória uma dependência do elemento referido no tópico face ao elemento que constitui o comentário, apesar de as relações estabelecidas não se basearem sempre nas mesmas propriedades. Consideramos mais peculiar o exemplo (82) uma vez que a determinação do seu valor referencial é ambígua. Entendendo cada unidade lexical como «uma entidade psíquica de duas faces [...] intimamente unidas e que se postulam uma à outra» (Saussure, 1986:123) podemos desenvolver diferentes análises.

Ao considerarmos essencialmente a sua parte material, o provérbio “Não há quarenta sem zero.” pode ser entendido como um jogo que envolve o significante, no qual o algarismo zero aparece como uma parte integrante do algarismo quarenta e, nesse, sentido, existe uma dependência do segundo em relação ao primeiro. Tendo em conta o significado, é possível comparar o conceito de ambos os signos linguísticos pelo lugar que cada um ocupa numa escala, inferindo, deste modo, que “para chegar ao valor quarenta é necessário ter passado por zero”. Contudo, também é legítimo concluir que, se a noção de “zero” está compreendida dentro da noção de “quarenta”, então está implícito algo equivalente a “quem tem pode deixar de ter”.

Concluimos, que todos os exemplos indicados de (69) a (82) correspondem a estruturas-base semelhantes, constituídas por uma dupla negação que legitima a dependência entre dois termos. O paralelismo sintático e a expressão de verdades filosóficas gerais através de asserções particulares exigem uma análise atenta e a definição de alguns critérios descritivos que possam sistematizar o conjunto de processos expressivos acionados pelo texto proverbial.

Por outro lado, podemos afirmar que, apesar de frequente, a sequência [‘não’ + HAVER + N / ‘sem’ + N] não é condição necessária para a realização deste tipo de enunciado (vejam-se as variantes do provérbio “Não há omeletes sem ovos.”). Nestes casos, o elemento mais significativo para a interpretação parece ser o valor em que assenta a relação entre o “tópico” e o “comentário”.

5. A coocorrência de diferentes tipos de negação

Ao longo deste capítulo, mencionamos várias vezes a possibilidade de haver uma ocorrência harmoniosa de diversos tipos de negação no mesmo texto proverbial. Apesar da ilustração que temos vindo a fazer de cada fenómeno e da articulação possível entre fenómenos, não queremos deixar de apresentar um caso que nos parece paradigmático e que pode agregar, de forma exemplar, quase todos os aspetos analíticos que apresentámos até ao momento.

O provérbio “Não há bem que sempre dure nem mal que nunca acabe.” (tal como as suas variantes, igualmente usuais, “Não há bem que cem anos dure nem mal que a eles ature.” e “Não há bem que sempre dure nem mal que muito ature.”) é um exemplo paradigmático de como um só texto proverbial pode aliar diversos tipos de negação. Tomemos, mais uma vez, como referência o provérbio, já mencionado no ponto 4.3. deste capítulo:

(47) Não há bem que sempre dure nem mal que nunca acabe.

No que se refere à marcação do valor negativo, podemos observar que estamos na presença das seguintes evidências: (1) a aplicação do marcador canónico (‘não’) em posição pré-verbal, no tópico inicial, imediatamente antes do verbo ‘haver’; (2) a utilização palavra intrinsecamente negativa ‘nunca’ (também designada termo-n), antecedendo o verbo ‘acabar’, na segunda parte do enunciado, correspondente ao comentário; (3) a presença da conjunção coordenativa com valor negativo que é responsável para relação entre as duas unidades proposicionais; (4) o recurso ao sentido antagónico dos advérbios ‘bem’ e ‘mal’; (5) a oposição entre o valor positivo e o valor negativo dos dois quantificadores universais ‘sempre’ e ‘nunca’; (6) e o contraste que se cria pela utilização de dois verbos (‘dure’ e ‘acabe’) que, embora não sendo antónimos entre si, são constituídos como tal, pelo contexto.

Do ponto de vista semântico-enunciativo, é possível inferir que (7) há redundância na segunda parte do provérbio, visto que ‘nem’ (como marcador da negação oracional por coordenação) e ‘acabe’ (enquanto elemento lexical negativo) antecedido pelo quantificador universal ‘nunca’, se anulam mutuamente, tornando igualmente verdadeira a expressão “[o bem não dura para sempre] e o mal acaba-se”. Implicitamente, (8) podemos considerar que,

na globalidade, o conteúdo proposicional deste provérbio corresponde a uma afirmação de sentido negativo equivalente a “Nada é eterno”.

Esta construção é ilustrativa de processos de negação sintática oracional (simples e por coordenação), de negação sintática de constituintes (quantificacional), de negação lexical e de negação semântico-enunciativa (tanto pelo valor expletivo como pelo valor implícito).

6. Considerações finais

A partir do estudo que realizámos, podemos confirmar que os provérbios selecionados evidenciam características peculiares que vale a pena destacar. Sendo quase sempre portadores de um valor genérico ou universal, para o qual muito contribuem GNs também com valor genérico e GVs sem ancoragem temporal ou espacial, devido sobretudo à prevalência do presente do indicativo e de advérbios pouco específicos, os provérbios veiculam verdades gerais acerca do mundo, baseadas no sistema de conhecimentos e crenças tradicionais que alicerçam a vida de uma comunidade linguístico-cultural.

Podemos ainda concluir que, enquanto enunciados genéricos, não descrevem apenas propriedades típicas da espécie mencionada no GN sujeito; descrevem sobretudo situações-tipo protagonizadas pela espécie humana, contendo conexões causais, condicionais, temporais, comparativas, contrastivas, consecutivas, finais e aditivas.

Verificamos que a estrutura frásica que melhor serve estes propósitos é quase sempre o padrão tópico-comentário, contemplando algum paralelismo gramatical e/ou fonológico. Os padrões estruturais de que fomos dando conta no *corpus* acabam por ser representativos deste tipo de textos e trazem, naturalmente, alguma implicação a nível semântico.

Uma vez que, no âmbito deste trabalho, privilegiamos as estruturas que evidenciam valor negativo, somos levados a concluir que a negativa se torna mais evidente quando o constituinte GV com função de PRED é marcado pela presença de um operador negativo.

No entanto, ao analisar os padrões frásicos mais comuns, verificamos que o nosso *corpus também* compreende um número elevado de provérbios com duas ou mais unidades predicativas. Nestes casos, a conjunção que estabelece a relação de coordenação ou de subordinação pode denotar também um valor negativo. Outra situação frequente nos provérbios plurioracionais é a ocorrência de uma oração relativa como GN tematizado, numa estrutura do tipo ‘tópico + comentário’ (como, p. ex.: “Quem tudo quer tudo perde”).

Não obstante a prevalência da negação sintática oracional, inferimos também que o mesmo provérbio pode incluir mais do que um processo de negação. Os mecanismos morfológicos, os mecanismos lexicais e a negação de constituintes são também frequentes nos textos proverbiais observados. No entanto, o estatuto híbrido (cf. Cap. II, ponto 3.) e a omnitemporalidade, que caracterizam os provérbios, permitem que alguns destes enunciados

adquiram um valor enunciativo próprio, fixado a todo o instante pela relação que se estabelece entre o conteúdo proposicional e a situação de enunciação em que é utilizado.

Por tudo o que acaba de ser exposto, reforçamos a ideia de que os provérbios portugueses constituem um *corpus* riquíssimo que vale a pena explorar, não apenas pela sabedoria com que nos apresentam diferentes visões do mundo mas também pelo seu legado linguístico, no entanto, é necessário que sobre eles se faça uma análise atenta, cuidada, rigorosa e abrangente, que contemple aspetos formais e semânticos, tendo em conta, sempre que possível, o contexto conversacional em que são reproduzidos.

CAPÍTULO III - Pistas para o estudo da negação em provérbios na aula de Português

1. Fundamentação da abordagem pedagógica

No capítulo que agora se inicia, pretendemos avaliar a aplicabilidade do estudo realizado anteriormente, perspetivando algumas práticas que conduzam ao desenvolvimento de destrezas cognitivas e linguísticas dos jovens na aula de Português. Consideramos que o potencial dos alunos é determinado, em grande medida, pelo trabalho que realizam na escola, sendo nesse contexto que adquirem as ferramentas necessárias para estruturar o pensamento e interagir com o mundo. É fundamental que os professores que os acompanham ao longo dos doze anos de escolaridade obrigatória desenvolvam um trabalho concertado e assente em pressupostos científicos, capaz de fomentar a competência linguística, tanto a nível oral como escrito, e de promover a aprendizagem pela audição, observação, demonstração, reflexão, ação e experiência.

Embora não constitua o tema central deste trabalho, a didática da língua materna merece alguma atenção da nossa parte, pelo contributo que pode dar no apuramento de técnicas e instrumentos que permitam alcançar o objetivo primordial da disciplina de Português: desenvolver a competência comunicativa de cada aluno, ao ponto máximo da suas capacidades, de modo a transformá-lo num indivíduo reflexivo e crítico, sabendo usar a sua língua para adquirir e transmitir conhecimentos.

Segundo Veiga (1991), «o termo [didática] foi usado pela primeira vez por Ratke, em 1669, com sentido de “ensinar”, no seu livro *Principais Aforismo Didáticos*. Veio, no entanto, a ser consagrado por Comenius, na obra *Didática Magna*, publicada em 1657.» (Veiga, 1991:311). Mais recentemente, outros estudos têm sido realizados no sentido de compreender a especificidade da didática das línguas, enquanto contributo para a organização do processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, Sequeira (1991) afirma que «a função da didática é elaborar uma teoria relativamente ao modo mais eficaz de organização do processo de ensino/aprendizagem, atendendo aos interesses do aprendente, da matéria a transmitir e do objetivo a alcançar.» (Sequeira, 1991:353).

Por outro lado, há questões para as quais os investigadores devem continuar a procurar respostas: «Como conciliar as duas vertentes do ensino da disciplina de Português - a sua dimensão instrumental, partilhada pela maioria dos outros saberes curriculares, e a sua

dimensão específica com conteúdo programático próprio, como é o trabalho de reflexão e de análise da estrutura e do funcionamento da língua? Como treinar a reflexão linguística? Como ensinar a intervir oralmente e como ensinar a expressão escrita cujo conhecimento é tão valorizado socialmente? Talvez muito do que aqui se questiona pudesse ser resolvido se cada escola possuísse o seu Projeto de Língua e definisse, por anos, os objetivos essenciais do domínio linguístico, além de procurar manter uma metalinguagem comum na abordagem dos temas gramaticais. Mas esta última não tem sentido por si só. Justifica-se apenas pela relação com os textos que a suportam ou que lhe dão origem.» (Neves, 2001:9-10).

Poder-se-ia mesmo dizer que todas as interações que ocorrem dentro e fora da escola se realizam através de textos e a sua interpretação é, normalmente, marcada pelo senso comum. Na aula de Português, estes tornam-se objeto de estudo, devendo ser trabalhados e problematizados na especificidade que apresentam em termos linguísticos. Neste contexto, a abordagem dos conteúdos gramaticais ancorados em textos, literários ou não literários, é um pressuposto que assegura a relação de conhecimentos e aplicabilidade dos conhecimentos teóricos.

Tal como ficou expresso no capítulo II deste trabalho, os provérbios, devido à sua especificidade formal e aos valores que veiculam, constituem um *corpus* riquíssimo no que se refere ao estudo do sistema da negação em português. Para além do interesse que possa assumir no estudo da língua e da comunidade que a utiliza, a análise integrada destas duas componentes programáticas - a negação e os textos proverbiais - decorre de um dos desígnios do Programa de Português: «configurar um percurso coerente, delinear o perfil de um falante e de um escrevente autónomo na utilização multifuncional e cultural da língua, capaz de progredir noutros graus de ensino.» (*Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico*, 2015:3)

Este é um motivo suficiente para que a escola reforce o seu papel de agente veiculador de cultura(s), mas torna-se essencial para o ensino da gramática, que não se pretende reduzido a um processo artificial e rígido, alheio à realidade e às referências dos alunos.

A didática da língua materna comporta uma amplitude de saberes que contribuem para o sucesso educativo, no entanto, pela pertinência que podem assumir para este estudo, gostaríamos de destacar a importância de estruturar o ensino da gramática e da educação literária em complementaridade, de atualizar os objetivos do Programa de modo a que haja

progresso e continuidade nas abordagens e de centrar o processo no aluno para que este valorize a aprendizagem.

No que se refere à estruturação do presente capítulo, começamos por analisar os documentos orientadores do ensino em Portugal, apenas no que, dizendo respeito à disciplina curricular de Português, conduz ao estudo da negativa, no plano sintático, lexical, morfológico e pragmático, e à abordagem dos provérbios ou de outros textos com os quais, de acordo com a nossa experiência profissional, estes se possam de algum modo relacionar.

A partir da análise transversal destes documentos, destacamos as indicações programáticas e os descritores de desempenho que deverão ser aplicados por todos os professores e sugerimos possíveis abordagens pedagógicas direcionadas para alunos que, tendo o português como língua materna, se encontrem a frequentar a escolaridade obrigatória em Portugal. Na parte final deste capítulo, apresentamos algumas considerações decorrentes da aplicação dos instrumentos didáticos junto de alunos de diferentes graus de ensino.

2. Documentos orientadores para o ensino do Português

A última revisão da Estrutura Curricular levada a cabo pelo Ministério da Educação e da Ciência e consignada no Decreto-Lei n.º139/2012, de 5 de julho, visou melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem, através de uma cultura de rigor e de excelência desde o ensino básico. Neste sentido, determinou-se a criação de Metas Curriculares para as diferentes disciplinas do currículo dos ensinos básico e secundário, através do Despacho Normativo n.º5306/2012, de 18 de abril, da responsabilidade da Direção-Geral da Educação, que indigitou, para o efeito, um grupo de trabalho coordenador e diversos subgrupos de trabalho, consoante as diversas disciplinas.

O Programa de Português para o Ensino Básico, homologado através do Despacho N.º7442-D/2015, de 3 de julho, para aplicação a partir do ano letivo de 2015/2016, estabelece uma relação harmoniosa com as Metas Curriculares de Português para o Ensino Básico em vigor após homologação no Despacho n.º 10874/2012, DR. Série II, de 10 de agosto.

O Programa e as Metas Curriculares de Português para o Ensino Secundário encontram-se homologados através do Despacho n.º868-B/2014, de 20 de janeiro, sendo a implementação das Metas Curriculares para os diversos níveis de ensino e os seus efeitos para a avaliação externa dos alunos expostos no Despacho n.º15971/2012, DR. Série II, de 14 de dezembro, no qual se prevê uma aplicação gradual, desde o 10º ano de escolaridade em 2015/2016 até à avaliação externa (correspondente à Prova Nacional de Português do 12º ano) a realizar em 2017/2018. Constata-se que os Programas de Português e as respetivas Metas Curriculares configuram uma estrutura assente em quatro domínios de referência no 1º e no 2º ciclos - Oralidade (O), Leitura e Escrita (LE), Educação Literária (EL) e Gramática (G) - e cinco no 3º ciclo e no secundário - os mesmos, mas com separação dos domínios da Leitura (L) e da Escrita (E).

Outro documento a considerar no ensino da língua portuguesa é o Dicionário Terminológico (DT), que integra o conjunto de referenciais considerado na elaboração dos novos Programas de Português. A sua importância deriva do facto de se constituir como um documento normativo que fixa os termos a utilizar na descrição e análise de diferentes aspetos do conhecimento explícito da língua, sendo, por isso, uma ferramenta auxiliar com função reguladora criada de modo a acabar com a deriva terminológica. Desta Terminologia

Linguística para os Ensinos Básico e Secundário, estabelecida pela portaria n.º1488/2004, decorre também a organização das áreas de estudo dos Programas de Português que se configuram em quatro secções: (a) Variação e Mudança do Sistema Linguístico Português, (b) Linguística Descritiva, (c) Análise do Discurso, Retórica, Pragmática e Linguística Textual e (d) Lexicografia.

O estudo que nos propomos apresentar centra-se nos Programas de Português, por serem documentos capitais e aglutinadores, no entanto, uma vez que a operacionalização dos conteúdos do Programa é definida nos descritores de desempenho²⁷ que constam das Metas Curriculares e tem por base a terminologia que compõe o DT, sempre que se justifique, remeteremos para os respetivos documentos.

2.1. Conteúdos programáticos

Com o intuito de perspetivar a abordagem da negação e dos provérbios na aula de Português, fizemos uma leitura transversal dos Programas Curriculares em vigor e seleccionámos os aspetos que se afiguraram mais pertinentes face aos objetivos deste trabalho. A informação recolhida a partir dos documentos oficiais encontra-se organizada sob a forma de tabela, a fim de garantir uma maior objetividade na análise. Posteriormente, fazendo uso da nossa experiência pedagógica e tendo em conta as indicações didáticas apresentadas nos documentos analisados, apresentamos algumas práticas que nos parecem interessantes e adequadas aos objetivos da aula de Português.

Os quadros que se seguem apresentam uma seleção dos conteúdos atinentes ao estudo da marcação do valor negativo em enunciados da língua portuguesa e à leitura, compreensão, interpretação e produção de textos de natureza oral ou escrita, previstos nos Programas dos Ensinos Básico e Secundário que poderão servir de indicadores para a prática pedagógica.

Ressalvamos que a escolha que fizemos ao nível dos conteúdos, com vista ao estudo da negação e dos provérbios, não esgota todo o potencial dos Programas, surgindo apenas com o propósito de indicar algumas pistas de trabalho. Para a prática efetiva da lecionação, é

²⁷ O descritor de desempenho consiste num enunciado preciso e objetivo, por meio do qual se refere o que se espera que o aluno seja capaz de fazer no final do ano letivo. (*Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico*, 2015:3,n.r.)

fundamental consultar os documentos integrais dos Programas e Metas Curriculares de Português.

- 1º ciclo do ensino básico

DOMÍNIO	CONTEÚDO	META CURRICULAR
1º ano		
ORALIDADE	Interação discursiva Princípio da cortesia; pergunta, resposta e pedido Compreensão e expressão Instrução Frase	1.1, 4.1 2.3 3.4
GRAMÁTICA	Morfologia e lexicologia Sinónimos e antónimos: reconhecimento	22.1
2º ano		
ORALIDADE	Interação discursiva Princípio da cortesia; pergunta, resposta e pedido Compreensão e expressão Frase (complexidade crescente) Expressão de ideias e sentimentos	1.1, 4.1 3.5 4.3
INICIAÇÃO À EDUCAÇÃO LITERÁRIA	Audição e leitura Obras de literatura para a infância; textos populares Memorização e recitação Lengalenga; adivinha rimada; poema	19.1 23.1, 23.2
GRAMÁTICA	Morfologia e lexicologia Sinónimos e antónimos: reconhecimento	25.1
3º ano		
LEITURA E ESCRITA	Compreensão de texto Paráfrase Opinião crítica	8.1 11.3, 11.4
EDUCAÇÃO LITERÁRIA	Compreensão de texto Regularidades versificatórias Antecipação de conteúdos Inferências	22.1 22.2 22.4
GRAMÁTICA	Classes de palavras Advérbio de negação e de afirmação Morfologia e lexicologia Radicais de palavras Afixos: prefixos e sufixos Famílias de palavras Sinónimos e antónimos	27.6 29.1 29.2, 29.3 29.4 29.5

	Sintaxe Frases afirmativa e frase negativa	28.2
4º ano		
ORALIDADE	Compreensão e expressão Informação implícita	1.2
	Facto e opinião	1.3
LEITURA E ESCRITA	Compreensão de texto Paráfrase	9.1
	Diferentes interpretações	10.2
GRAMÁTICA	Classes de palavras Advérbio de quantidade e grau	29.1
	Morfologia e lexicologia Prefixos e sufixos	30.2, 30.4
	Palavras simples e palavras complexas	30.3
	Famílias de palavras	30.5
	Sintaxe Funções sintáticas: sujeito e predicado	31.1
	Tipos de frase: frase imperativa	31.2

- 2º ciclo do ensino básico

DOMÍNIO	CONTEÚDO	META CURRICULAR
5º ano		
ORALIDADE	Interpretação de texto Manifestação da reação pessoal ao texto ouvido	1.7
LEITURA E ESCRITA	Compreensão de texto Inferências: sentidos contextuais, relação de informações, relações de semelhança e oposição	8.1 a 8.3
EDUCAÇÃO LITERÁRIA	Compreensão de textos Texto poético (rima)	20.2
	Géneros literários: fábula e lenda	20.9
	Inferências	20.7
	Relações intertextuais: semelhanças e contrastes	21.1
	Produção expressiva Reescrita de texto com alterações	22.5
	Composição de texto por imitação criativa	22.6
GRAMÁTICA	Morfologia e Lexicologia Palavras complexas; radical e afixos (alargamento)	23.1

	Derivação de palavras por afixação (prefixação e sufixação)	23.2
	Sinonímia e antonímia (alargamento)	26.1
	Famílias de palavras (alargamento)	26.2
	Sintaxe	
	Frases afirmativas e negativas	25.1
6º ano		
ORALIDADE	Interpretação de textos Deduções inferências; sentido figurado	1.2, 1.3
LEITURA E ESCRITA	Compreensão de texto Inferências: sentidos contextuais; relação de informações	8.2 e 8.3
EDUCAÇÃO LITERÁRIA	Compreensão de textos Géneros literários: contos e poemas Comparação de versões do mesmo texto Universos de referências e valores	18.9 18.10 19.1
GRAMÁTICA	Classes de palavras Pronome indefinido Morfologia e lexicologia Derivação e composição Sintaxe Pronome pessoal em adjacência verbal em frases que contêm uma palavra negativa, frases iniciadas por pronomes e advérbios interrogativos Funções sintáticas: predicativo do sujeito, complemento oblíquo, complemento agente da passiva, modificador, complemento direto, complemento indireto e pronomes correspondentes; Frase simples e frase complexa	22.1 21.1, 21.2 23.1 23.3 e 23.6

- 3º ciclo do ensino básico

DOMÍNIO	CONTEÚDO	META CURRICULAR
7º ano		
LEITURA	Géneros escolares Texto expositivo; artigo de opinião; texto biográfico; comentário; reportagem; texto publicitário Interpretação Deduções e inferências	6.1,7.1 8.5
GRAMÁTICA	Classes de palavras Advérbio: de dúvida, de inclusão, de exclusão, de designação,	22.2

	relativo e conectivo Morfologia e lexicologia Formação de palavras complexas: derivação (afixal e não-afixal) e composição (por palavras e por radicais) Pronome pessoal em adjacência verbal: em frases afirmativas; em frases que contêm uma palavra negativa; em frases iniciadas por pronomes e advérbios interrogativos; com verbos antecidos de certos advérbios Coordenação entre orações Subordinação entre orações	21.4 23.1 23.6 23.7,23.8
8º ano		
ORALIDADE	Interação discursiva Debate e justificação de opiniões Interpretação de texto Intencionalidade comunicativa (consolidar)	3.4 1.4
LEITURA	Textos de características expositivas; texto biográfico; páginas do diário; memórias; comentário; carta Interpretação de texto Causa – efeito Deduções e inferências Elementos de persuasão	7.1, 8.1 9.1 a 9.5
EDUCAÇÃO LITERÁRIA	Interpretação de texto Texto dramático Valores culturais e éticos	20.4 a 206 21.2
GRAMÁTICA	Sintaxe Divisão e classificação de orações Lexicologia Palavras polissémicas Campo semântico Relações semânticas: sinonímia, antonímia, hiperonímia e holonímia	24.5 25.2 25.4 25.5
9º ano		
ORALIDADE	Varição da língua Plano fonológico, lexical e sintático; contextos geográficos	6.1, 6.2
LEITURA	Textos de características expositivas e de características argumentativas; textos de divulgação científica, recensão e comentário Interpretação de textos Relações intratextuais: semelhança, oposição, causa-consequência, parte-todo, genérico-específico Varição da língua Plano fonológico, lexical e sintático (identificação); contextos históricos e geográficos (distinção)	7.1, 8.1 9.5 12.1, 12.2

EDUCAÇÃO LITERÁRIA	Epopéia, romance, conto, crónica, soneto, texto dramático	20.8
	Interpretação de texto Comparação de textos de autores contemporâneos com textos de outras épocas e culturas	22.1, 22.2
	Valores culturais, éticos, estéticos, políticos e religiosos	21.2
GRAMÁTICA	Fonologia Processos fonológicos de inserção, de supressão e de alteração de segmento	24.10.15
	Sintaxe Pronome pessoal em adjacência verbal (consolidação)	25.1
	Funções sintáticas (consolidação)	25.2
	Divisão e classificação de orações (consolidação)	25.4

- Ensino secundário

DOMÍNIO	CONTEÚDO
10º ano	
EDUCAÇÃO LITERÁRIA	Poesia trovadoresca: cantigas de amigo, cantigas de amor, cantigas de escárnio e maldizer Representação de afetos e emoções (variedade do sentimento amoroso, o elogio cortês, a dimensão satírica)
GRAMÁTICA	<p>1. O português: génese, variação e mudança</p> <p>1.1. Principais etapas da formação e da evolução do português</p> <p>1.2. Fonética e fonologia</p> <p>1.3. Etimologia</p> <p>2. Sintaxe</p> <p>2.1. Funções sintáticas</p> <p>b) Predicativo do complemento direto, complemento do nome e complemento do adjetivo.</p> <p>2.2. A frase complexa: coordenação e subordinação</p> <p>3. Lexicologia</p> <p>3.1. Arcaísmos e neologismos.</p> <p>3.2. Campo lexical e campo semântico.</p> <p>3.3. Processos irregulares de formação de palavras: extensão semântica, empréstimo, amálgama, sigla, acrónimo e truncção.</p>

11º ano	
EDUCAÇÃO LITERÁRIA	<p>Padre António Vieira, “Sermão de Santo António. Pregado na cidade de S. Luís do Maranhão, ano de 1654”</p> <p>Objetivos da eloquência (<i>docere, delectare, movere</i>)</p> <p>Intenção persuasiva e exemplaridade</p> <p>Crítica social e alegoria</p>
GRAMÁTICA	<p>2. Discurso, pragmática e linguística textual</p> <p>2.1. Texto e textualidade:</p> <p>a) coerência textual (compatibilidade entre as ocorrências textuais e o nosso conhecimento do mundo; lógica das relações intratextuais);</p> <p>b) coesão textual:</p> <ul style="list-style-type: none"> - lexical: reiteração e substituição; - gramatical: referencial (uso anafórico de pronomes), frásica (concordância), interfrásica (uso de conectores), temporal (expressões adverbiais ou preposicionais com valor temporal, ordenação correlativa dos tempos verbais).
12º ano	
EDUCAÇÃO LITERÁRIA	<p>Contos literários (a selecionar 2)</p> <p>Solidão e convivialidade</p> <p>As três idades da vida</p> <p>Metamorfozes da figura feminina</p> <p>A complexidade da natureza humana</p>
GRAMÁTICA	<p>3. Semântica</p> <p>3.1. Valor temporal:</p> <p>a) formas de expressão do tempo (localização temporal): flexão verbal, verbos auxiliares, advérbios ou expressões de tempo e orações temporais;</p> <p>b) relações de ordem cronológica: simultaneidade, anterioridade e posterioridade.</p> <p>3.2. Valor aspetual: aspeto gramatical (valor perfetivo, valor imperfetivo, situação genérica, situação habitual e situação iterativa).</p> <p>3.3. Valor modal: modalidade epistémica (valor de probabilidade ou de certeza), deôntica (valor de permissão ou de obrigação) e apreciativa.</p>

2.2. Descritores de desempenho

Através da seleção de informação que acabámos de apresentar, podemos constatar que há, nas Metas Curriculares de Português, algumas referências explícitas a descritores que entendemos por bem diferenciar. Apresentamos, de seguida, uma síntese dos elementos mais pertinentes, tendo em conta o ciclo de estudos a que dizem respeito.

No que se refere ao 1º ciclo, os descritores de desempenho previstos permitem concluir que, no 1º e no 2º ano de escolaridade, as capacidades dos alunos devem ser estimuladas através da audição e da leitura de enunciados, de modo a desenvolver a capacidade de observar, inferir, reconhecer a repetição e a rima e de ler silenciosamente, em voz alta e em coro. No 3º ano, é notória uma maior preocupação no sentido de procederem à análise sintática, morfológica e lexical, no sentido de os alunos classificarem uma frase como negativa, indicarem a classe e a subclasse de algumas palavras (como, por exemplo, advérbios de afirmação e advérbios de negação) e distinguirem o radical e os afixos de algumas palavras derivadas. Ao longo do 4º ano, apela-se à capacidade individual para analisar frases cada vez mais complexas, identificar possíveis relações textuais, classificar advérbios de quantidade e grau e reconhecer as funções sintáticas de sujeito e predicado. É ainda neste ciclo que os alunos tomam contacto com géneros textuais, como, por exemplo, o conto, a carta e o aviso, experimentando mecanismos de coesão e coerência.

No 2º ciclo, prevê-se que os alunos possam ler e interpretar textos literários mais específicos (literatura para crianças e jovens, literatura popular e adaptações dos clássicos) e redigir com correção textos de diferentes tipologias (narrativos, descritivos, expositivos e de opinião), obedecendo a categorias ou géneros a indicar pelo professor. Em termos gramaticais, os alunos do 5º ano devem detetar processos de derivação, deduzir o significado das palavras a partir da análise semântica dos elementos constituintes e aplicar as regras de utilização do pronome pessoal em adjacência verbal, tanto em frases afirmativas como negativas. Relativamente ao 6º ano, espera-se que os alunos reconheçam e identifiquem as funções sintáticas dos constituintes que estão sob a regência do verbo ou como seus modificadores, distinguindo simultaneamente frase simples de frase complexa. A sua capacidade interpretativa deve permitir ainda identificar, pelo contexto, o sentido das palavras, expressões ou fraseologias desconhecidas, incluindo provérbios e expressões idiomáticas.

O Programa para o 3º ciclo do ensino básico denota abertura para uma maior diversidade de géneros textuais, devendo o aluno ler e interpretar textos literários portugueses e estrangeiros de diferentes épocas, dominando perfeitamente os processos de construção ficcional e a estruturação de cada género (como a epopeia, o romance, o conto, a crónica, o soneto e o texto dramático). A par deste conhecimento, prevê-se também o estudo da variação da língua nos planos fonológico, lexical e sintático. A abordagem das relações entre as palavras (hiperonímia e holonímia), prevista nas Metas Curriculares, vem contribuir para alargar a competência de análise interpretativa do aluno.

Presume-se que ao longo do ensino secundário, os alunos possam ler e interpretar e produzir sem dificuldade textos mais extensos e complexos, reconhecendo criticamente o seu conteúdo e desenvolvendo a consciência reflexiva das suas funcionalidades, sempre cientes dos contextos em que estes foram produzidos. Para além disso, pretende-se desenvolver a consciência linguística e metalinguística, mobilizando-a para melhores desempenhos no uso da língua.

A natureza mais fechada do *corpus* literário indicado no Programa reduz a possibilidade de divergir para a análise muito aprofundada de outros textos, no entanto, o professor poderá, por exemplo, na introdução de uma unidade ou nos momentos de consolidação de conhecimentos, fazer uso de expressões idiomáticas ou textos proverbiais, parafraseando ou estimulando à reflexão ou à escrita. Por quanto poderá contribuir para a definição da identidade cultural do povo português, sugere-se, por exemplo, a análise interpretativa e gramatical da Poesia Trovadoresca, definida, por Vasconcelos (1986), como «guardadora, estranhamente fiel, de coisas, costumes e meios de expressão antigos (...) começa (...) a conquistar aquele pequeno lugar ao sol a que tem direito, tanto na área dos estudos histórico-literários e de história da cultura, como na que se ocupa do estudo das metáforas, da versificação, da significação das palavras e da construção da frase.» (Vasconcelos, 1986:30).

Em relação ao domínio gramatical, no 10º ano, deve haver um aprofundamento do estudo da sintaxe (introduzindo conceitos como: predicativo do complemento direto, complemento do nome, complemento do adjetivo), da lexicologia (reconhecendo arcaísmo, neologismos e processos irregulares de formação de palavras) e da génese e da mudança do português (das perspetivas fonética, fonológica e etimológica). No 11º ano, os descritores a seguir alertam para a importância do domínio de mecanismos de coesão textual e da deixis.

Finalmente, no que se refere ao 12º ano de escolaridade, para além da retoma (em revisão) dos conteúdos já lecionados, aponta-se para um maior incidência na análise semântica de enunciados, comentando o valor temporal (flexão verbal, verbos auxiliares, advérbios, expressões de tempo e orações temporais), valor aspetual (perfeito, imperfeito, genérico, habitual e iterativo) e valor modal (modalidade epistémica, deôntica e apreciativa).

Ao contrário do Programa revogado, o documento atualmente em vigor e que preconiza a reforma curricular no ensino secundário (a aplicar a partir de 2015/2016, inclusive) não apresenta qualquer referência direta a dois conteúdos que são abrangidos pelo estudo da negação, nomeadamente, a polaridade e a tipologia dos atos ilocutórios. Podemos, todavia, perceber que há indicações para que se reconheçam marcas do caráter expositivo, argumentativo, persuasivo ou valorativo dos textos lidos pelos alunos.

Por último, face à diversidade de conteúdos presentes nos Programas, os autores recordam que «[c]abe ao professor, no uso dos seus conhecimentos científicos, pedagógicos e didáticos, adotar os procedimentos metodológicos que considere mais adequados a uma aprendizagem bem-sucedida dos conteúdos indicados em cada domínio, traduzida na consecução das Metas Curriculares preconizadas, tendo em conta especificidades científico-didáticas da disciplina, na sua articulação horizontal e vertical. (...) Independentemente das metodologias selecionadas em contextos escolar, cumpre salientar a importância a conferir à organização adequada dos conteúdos programáticos, ao uso da memória, à qualidade e à quantidade de informação, à disponibilização de modelos e sua análise, à compreensão de regularidades que levam à aquisição de quadros concetuais de referência, assim como à exercitação inerente à consolidação e manifestação dos desempenhos requeridos»²⁸.

²⁸ (*Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Secundário*, 2014:33).

3. Propostas para a integração dos conteúdos na prática letiva

Atendendo aos descritores que se pretendem ver alcançados, delineámos algumas estratégias que, de seguida, passamos a apresentar.

- 1º ciclo do ensino básico

Atividade A: **COMPLETA O PROVÉRBIO**

Apresentação da atividade: A Margarida está a fazer uma recolha de provérbios portugueses mas tem algumas dúvidas acerca das palavras que compõem cada um. Ajuda-a a selecionar a palavra certa para cada provérbio, completando as frases. Conversa com os teus colegas acerca do significado de cada provérbio que construístes.

- (i) Quem espera, _____ (desaparece/desespera).
- (ii) Quem _____ (ainda/não) tem cão, caça com _____ (gato/lebre).
- (iii) _____ (Filhos/Santos) da casa não fazem milagres.
- (iv) Quem tudo quer, tudo _____ (perde/consegue).
- (v) Mais vale um _____ (anel/pássaro) na mão do que _____ (nenhum/ dois) a voar.



Atividade B: **ENCONTRA O PAR CERTO**

Apresentação da atividade: O António recebeu um jogo de cartões mas não consegue encontrar o segundo elemento que completa o início de cada provérbio. Consegues dar-lhe uma ajuda a ligar os elementos? Une-os, traçando uma linha.

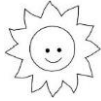


- | | | |
|--------|--------------------|--------------|
| (vi) | Não há omeletes... | sem fundo. |
| (vii) | Não há saco... | sem caroço. |
| (viii) | Não há regra... | sem ovos. |
| (ix) | Não há fruta... | sem exceção. |

Atividade C: DESCODIFICA OS PROVÉRBIOS

Apresentação da atividade: Se substituíres as imagens pelas palavras certas e seguires as indicações que te são dadas junto de cada uma, irás descobrir os provérbios que estão ilustrados em cada situação. Bom trabalho!

Em  onde não há  todos  e ninguém tem razão.

(x) _____

O   - dro +ndo nasce é  - to +ra todos.

(xi) _____

- 2º ciclo do ensino básico

Atividade D: **DESCOBRE O PROVÉRBIO**

Apresentação da atividade: Descobre os provérbios, substituindo as palavras sublinhadas por outras de sentido oposto.

- (xii) Quando a esmola é pouca o santo confia. _____
- (xiii) Feliz ao jogo infeliz aos amores. _____
- (xiv) Começou-se a festa armou-se a igreja. _____
- (xv) Confia naqueles a quem tiveres feito o mal. _____

Atividade E: **O PROVÉRBIO ESCONDIDO**

Apresentação da atividade: Descobre o provérbio apresentado na grelha, colocando convenientemente as letras de cada coluna nas casas disponíveis situadas por baixo.

(xvi)

N	A	D	R	Ã	N	P	I	C	A	D	O	E
L	E	S	C	O	O	F	E	A	R		D	
D	Ã	O		É								

Atividade F: **DE PROVÉRBIO EM PROVÉRBIO**

Apresentação da atividade: Observa os provérbios que se encontram abaixo e dialoga com os teus colegas acerca do seu significado.

De seguida, imagina outros com uma estrutura semelhante, preenchendo os espaços livres.

- (xvii) Não há pastor sem rebanho. Não há _____ sem _____.
- (xviii) Não há talho sem trabalho. Não há _____ sem _____.

- 3º ciclo do ensino básico

Atividade G: **PALAVRAS INTRUSAS**

Apresentação da atividade: Em cada provérbio apresentado existe uma palavra intrusa. Risca-a, de modo a restituir o sentido original ao texto.

- (xix) Quem tudo não quer tudo perde.
- (xx) Depressa e bem nunca não há quem.
- (xxi) Nem tudo o que não vem à rede é peixe.

Atividade H: **DESCOBRE O QUE HÁ DE NEGATIVO**

Apresentação da atividade: Lê, atentamente, os provérbios que te são apresentados. Sublinha a palavra ou a expressão que, na tua opinião, confere sentido negativo à frase.

- (xxii) Nada é eterno nem mesmo os nossos problemas.
- (xxiii) Não há amores bonitos nem mesmo amores feios.
- (xxiv) Quem despreza o pouco não ama o muito.
- (xxv) Não há bem que sempre dure nem mal que nunca acabe.

Atividade I: **CONSTRÓI A HISTÓRIA**

Apresentação da atividade: Imagina uma história curta, que contenha entre 80 e 100 palavras, idealizando as personagens, o tempo e o espaço em que decorre, mas em que as várias peripécias narradas possam ser representativas dos provérbios que seguem, pela mesma ordem em que se encontram.

- (xxvi) O sol quando nasce é para todos.
- (xxvii) A ocasião faz o ladrão.
- (xxviii) Mais vale um pássaro na mão que dois a voar.
- (xxix) Não há luar como o de janeiro nem amor como o primeiro.

- Ensino secundário

Atividade J: O PROVÉRBIO INTRUSO

Apresentação da atividade: Lê, atentamente, os provérbios apresentados e determina qual é o intruso neste conjunto, assinalando-o com uma (x).
Apresenta, aos teus colegas, as razões da tua escolha.

- | | |
|--|--------------------------|
| (xxx) Quem corre a duas lebres não apanha nenhuma. | <input type="checkbox"/> |
| (xxxi) A cavalo dado não se olha o dente. | <input type="checkbox"/> |
| (xxxii) Mais vale um pássaro na mão que dois a voar. | <input type="checkbox"/> |
| (xxxiii) Quem serve a todos não serve a ninguém. | <input type="checkbox"/> |

Atividade K: PROVÉRBIO (CON)SENTIDO

Apresentação da atividade: Considerando o provérbio indicado, a estrutura e os sentidos literal e referencial, determina qual das hipóteses apresentadas corresponde exatamente ao sentido do provérbio, sendo a sua contrapartida positiva. Depois da reflexão realizada, redige um comentário (não excedendo o limite máximo de 50 palavras) acerca do valor genérico deste enunciado.

- | | |
|-------------------------------------|--------------------------|
| (xxxiv) Não há panela sem teste. | |
| (a) Há panelas com teste. | <input type="checkbox"/> |
| (b) Cada panela tem um teste. | <input type="checkbox"/> |
| (c) Todas as panelas têm um teste. | <input type="checkbox"/> |
| (d) As panelas têm teste. | <input type="checkbox"/> |
| (e) Não há teste sem panela. | <input type="checkbox"/> |
| (f) Há panela sem teste. | <input type="checkbox"/> |
| (g) Todos os testes têm uma panela. | <input type="checkbox"/> |

Atividade L: O VALOR DO PROVÉRBIO

Apresentação da atividade: Analisa os provérbios apresentados e determina o valor que cada um poderá assumir ao ser produzidos num contexto conversacional.

- | | |
|---|----------------|
| (xxxv) Preso, nem para comer doces. | • |
| (xxxvi) Desconfia daqueles a quem tiveres feito o bem. | • • Persuasivo |
| (xxxvii) Galgo que corre duas lebres não apanha nenhuma. | • • Expressivo |
| (xxxviii) Quando a esmola é muita o santo desconfia. | • • Assertivo |
| (xxxix) Sem seres convidado, não vás a bodas nem a batizados. | • |

Atividade M: À MANEIRA DE PROVENÇAL

Apresentação da atividade: Lê a cantiga de amor que de seguida é apresentada e faz o levantamento das palavras que, na tua opinião, contribuem para o valor negativo do texto. Depois de consultar o dicionário etimológico, determina o sentido e o processo de formação de cada uma.

Quer'eu em maneira de proença

Quer'eu em maneira de proença
fazer agora un cantar d'amor,
e querei muit'i loar mia senhor
a que prez nen fremusura non fal,
nen bondade; e mais vos direi en:
tanto a fez Deus comprida de ben
que mais que todas las do mundo val.

Ca mia senhor quisso Deus fazer tal,
quando a faz, que a fez sabedor
de todo ben e de mui gran valor,
e con todo est'é mui comunal
ali u deve; er deu-lhi bon sen,
e des i non lhi fez pouco de ben,
quando non quis que lh'outra foss'igual.

Ca en mia senhor nunca Deus pôs mal,
mais pôs i prez e beldad'e loor
e falar mui ben, e riir melhor
que outra molher; des i é leal
muit', e por esto non sei oj'eu quen
possa compridamente no seu ben
falar, ca non á, tra-lo seu ben, al.

D. Dinis

Fonte: Manual *Sentidos 10*, Asa Editores, 2015²⁹

²⁹(Catarino et al., 2015:30)

3.1. Considerações sobre a aplicação dos exercícios

Através dos exercícios que apresentamos, pretendemos levar os alunos a: (a) compreender textos orais de complexidade crescente e de diferentes géneros, apreciando a sua intenção e a sua eficácia comunicativa; (b) melhorar a capacidade de compreensão inferencial; (c) desenvolver a consciência linguística e metalinguística, mobilizando-as para melhores desempenhos no uso da língua e (d) desenvolver o espírito crítico, no contacto com textos orais e escritos ou outras manifestações culturais.

Nos exercícios indicados para os alunos do 1º ciclo, está previsto que os alunos possam ser conduzidos no sentido de identificar palavras com valor negativo, tanto por características lexicais como morfológicas, descobrindo sobretudo os requisitos necessários para a construção de frases negativas.

Neste momento, sugere-se a observação, por exemplo, do prefixo *in-* com sentido de negação. Ainda no plano morfológico, está previsto que os alunos antes de concluir o 1º ciclo consigam manipular palavras e constituintes de palavras, observando os efeitos produzidos, e que consigam construir novos segmentos frásicos por substituição de certas palavras por outras com as quais tenham uma relação de sentido.

Tendo em conta o Programa de Português para o 2º ciclo do ensino básico, constatamos que, no plano lexical e semântico e no que respeita ao conteúdo “frase afirmativa e frase negativa” (DT B6.1³⁰), está previsto que os alunos utilizem diferentes processos de negação e realizem atividades de pronominalização para estruturar frases negativas.

Os alunos do 3º ciclo devem estar aptos a garantir a coesão textuais, através da aplicação de mecanismo específicos que lhe permitiram não apenas manipular frases complexas como também redigir enunciados com base em diferentes relações intratextuais.

No que se refere ao Programa de Português para o ensino secundário, concluímos se aponta para um reforço de atividades interpretativas (no domínio EL), de modo a que o aluno possa decodificar, extrair sentidos, apreender a intencionalidade e determinar o valor comunicativo dos textos literários. Propomos que, a partir de atividades interpretativas de enunciados, os alunos possam reconhecer o valor referencial de alguns provérbios, que

³⁰ Dicionário Terminológico, (B) Linguística Descritiva, (6.1 – Polaridade).

infirmam sentidos implícitos ou a contrapartida positiva de um enunciado com valor negativo e que reconheçam a forma arcaica de alguns termos negativos.

Da aplicação destes exercícios, decorre a possibilidade de alguns alunos não reconhecerem os provérbios apresentados, de não compreenderem o seu sentido ou de, compreendendo, revelarem dificuldade em se expressar. Em contrapartida, as atividades também se poderão tornar pouco aliciantes e interessantes se apenas forem apresentados, aos alunos, provérbios sobejamente conhecidos.

A necessidade de estabelecer um tempo limite para a realização dos exercícios evita a dispersão da atenção e a possibilidade de as intervenções orais derivarem para uma amálgama de relatos. No nosso entender, o professor deverá assumir o papel de moderador, assegurando a existência tanto de momentos de interação como de introspeção, reflexão e escrita.

Será fundamental que o docente possa estar atento ao desempenho dos alunos face a questões como, por exemplo, a substituição de palavras por outras de valor contrário na atividade D: *Descobre o provérbio*. Neste caso, é possível que os alunos venham a sugerir tanto «não confies» como «desconfia» para indicar o contrário de «confia». De qualquer modo, a resposta deve ser esclarecedora e adequada ao nível etário dos alunos. Ressalvamos que este tipo de exercícios tem como objetivos levar o aluno a interpretar, recorrendo ao seu sistema de valores e inferências, e mobilizar as suas capacidades de compreensão e expressão. Em alguns casos, poderá ser enriquecedor apelar à imaginação e à liberdade de interpretação.

As propostas que apresentamos assentam num paradigma de complexidade crescente, fundamentalmente associado à progressão por géneros, nos domínios da Oralidade, da Leitura e da Escrita, e à valorização do texto literário, enquanto texto complexo por excelência e no qual convergem todas as hipóteses de realização da língua.

Há, no entanto, outras especificidades a ter em conta aquando da aplicação ou da adaptação dos exercícios que gostaríamos de mencionar. Para além do nível de proficiência linguística dos alunos e do ambiente sociocultural em que a escola se insere, importa salvaguardar a compatibilidade com o Projeto Educativo e os princípios que regem a dinâmica de qualquer estabelecimento de ensino. As escolhas dos textos a abordar, a partir do Plano Nacional de Leitura, devem ainda ter em conta o princípio da *representatividade*,

invariavelmente mobilizador do *valor histórico-cultural* e do *valor patrimonial* associados ao estudo da língua portuguesa, nas suas dimensões diacrónica e sincrónica.

Sublinha-se igualmente o diálogo entre culturas, objetivo primordial do Projeto de Leitura, que acrescenta, às aprendizagens do domínio da Educação Literária, o contacto direto com outros textos (de língua portuguesa ou de tradução portuguesa).

Devemos ressaltar que as propostas apresentadas neste trabalho têm por base um perfil de aluno padronizado e a sua estruturação a partir dos diferentes níveis de ensino adapta-se, tanto quanto possível, aos crescentes graus de abstração e de maturidade dos alunos em idade escolar. Torna-se, por isso, indispensável que cada docente ajuste os exercícios em função das características dos seus alunos e das competências que pretende preconizar.

Por último, gostaríamos de salientar que, por apelarem à interpretação, à expressão de opiniões, à interação entre pares e à escrita criativa, os exercícios propostos são também um indicador válido para medir o grau de sociabilização, a valorização de si e dos outros, a interiorização de valores sociais e culturais – mais que um ponto de chegada, podem ser um ponto de partida para outras estratégias.

4. Considerações finais

Tendo por base as orientações vigentes no Programa de Português e nas Metas Curriculares previstas para cada ciclo de ensino, considerámos fundamental perspetivar algumas pistas de abordagem dos conteúdos em estudo que possam contribuir para uma maior diversidade de estratégias na sala de aula. Docentes e alunos podem encontrar, na confluência destes dois conteúdos, uma oportunidade para obter um maior conhecimento da natureza humana, do ambiente social e linguístico em quem se movem e, presumivelmente, fazer uso das suas competências comunicativas, expressando-se e compreendendo o outro.

Como afirma Amor (1997), «Só uma D.L.M. fundada nessa especificidade (do saber linguístico nas suas dimensões básicas, representativa e comunicativa) poderá avivar em docentes e alunos, perante a multiplicidade dos fenómenos e dos métodos de observação/reflexão, a consciência da importância da língua como construtora dos mecanismos da identidade e da relação interindividual, como modelizadora de mundos no plano do real ou do imaginário, como território simbólico onde, afinal, se gerem, enraízam e renovam a cultura e a memória das comunidades e das nações.» (Amor, 1997:11).

Em termos didáticos, o texto proverbial apresenta um enorme potencial, na medida em que tanto invoca valores essenciais de uma comunidade e os princípios que norteiam a conduta de qualquer cidadão como, paralelamente, permitem aguçar o espírito crítico individual levando cada jovem aprendiz a um processo formativo de consciencialização.

Do ponto de vista formal, o provérbio é muitas vezes definido, por defeito, como estrutura cristalizada, mas a universalidade e a intemporalidade de que se reveste reclamam para si um estatuto híbrido, uma vez que se trata de um texto, simultaneamente, fechado e aberto, tal como o define Lopes (1992), ao apresentar de forma muito clara a especificidade deste tipo de texto, as suas propriedades semânticas e o seu funcionamento pragmático.

Não sendo mencionado como um item para abordagem específica mais do que duas vezes (nos descritores de LE para o 5º e 6º anos), o recurso a texto proverbial parece adequar-se de forma transversal aos objetivos previstos nas Metas Curriculares para qualquer ano de escolaridade, na medida em que possibilita a ancoragem de conceitos, valores, interpretações e de inferências.

No que se refere à negação, é possível observar que há, nos Programas de Português, uma orientação no sentido de os alunos começarem por reconhecer este processo (no 1º

ciclo) e de, posteriormente, se apoderarem de forma gradual de diferentes mecanismos de marcação do valor negativo, chegando ao uso consciente e à explicitação do processo de negação.

O estudo da negação, tendo por base este tipo de texto, põe ao dispor do professor um leque muito variado de mecanismos que poderão ser abordados de forma ponderada e gradual, contemplando não apenas a observação como também a aplicação e interpretação do valor semântico dos enunciados.

Conclusão

O trabalho de âmbito linguístico referente ao estudo do sistema de negação em português, que se encontra formalizado no capítulo I, revelou-se fundamental para a análise apresentada no capítulo II, relativamente aos diversos processos de marcação do valor negativo que ocorrem nos oitenta e cinco provérbios portugueses que compõem o corpus deste trabalho. Da confluência destas matérias, retirámos os pressupostos que nos guiaram na abordagem pedagógica apresentada no capítulo III.

Considerando o estudo que fizemos, podemos concluir que, apesar de ser muito comum em atos comunicativos, o valor negativo nem sempre se realiza com o mesmo grau de evidência nem com uma implicação clara a nível interpretativo. Neste sentido, seria desejável que, ao longo da formação académica, os alunos fossem confrontados com uma abordagem cada vez mais aprofundada deste tema, assente em textos de referência. Só assim se poderá garantir que as propostas que se apresentam nos Programas de Português, enquanto língua materna, vão para além do estudo estante de conteúdos, como, as classes e subclasses de palavras, as formas da frase ou os processos morfológicos de formação de palavras, no ensino básico, ou o valor aspetual e a modalidade discursiva, no ensino secundário.

De facto, ao iniciar a escolaridade obrigatória, o aluno já domina, ainda que empiricamente, as construções negativas mais simples, recorrendo essencialmente ao advérbio canónico 'não' para marcar o valor negativo. De forma gradual, ele vai sendo confrontado com outras estruturas em que o valor negativo apenas está assente em alguns constituintes ou ainda com estruturas que, não evidenciando marcas formais negativas, possibilitam uma interpretação negativa função do contexto comunicativo.

É importante que, a par o estudo dos aspetos estruturais e funcionais, os jovens falantes sejam orientados para apreender o sentido ou sentidos das frases, em função do significado das palavras que a constituem e dos grupos que resultam da sua combinação. Para além disso, acreditamos que o estudo da negação poderá ser mais profícuo se tomarmos como referência não apenas as unidades fraseológicas mas também o contexto em que estas ocorrem.

Não desvalorizamos o facto de, num ato de fala, a frase ser a unidade mínima através da qual determinado enunciador expressa o pensamento, comunica, interage com os demais

ou, simplesmente, “fala” consigo próprio, planeando, refletindo e aclarando as suas ideias. Todavia, embora comece por apontar para uma noção mais simplificada de *frase*, centrada essencialmente nas características gramaticais e nos aspetos diferenciadores dos principais tipos (declarativa, interrogativas, exclamativa e imperativa), o ensino do Português rapidamente remete para a necessidade de perceber cada frase ou unidade gramatical como um enunciado, ou seja, o suporte de um ato de fala, oral ou escrito, produzido num determinado lugar e momento, por um falante ou escritor dirigindo-se a um interlocutor específico, individual ou coletivo. Às noções de *frase* e de *enunciado*, devemos ainda acrescentar a noção de *proposição*, que corresponde ao conteúdo descritivo da frase, ao ‘estado de coisas’ do mundo nela representado ou à situação descrita, a noção de *contexto* e a noção de *cotexto*.

No nosso ponto de vista, a análise da negativa nos textos proverbiais não só serve os propósitos anteriormente referidos como contribui para pesquisa sobre a construção das interpretações genéricas dos enunciados das línguas naturais. Por outras palavras, para além do seu potencial no que se refere ao estudo dos constituintes da frase e das relações que estes estabelecem dentro da frase, reconhecemos a abertura que nos proporciona ao nível da interpretação, tal como refere Lopes (1992) no seu estudo.

Neste sentido, estamos certos de que o estudo das relações entre a interpretação-padrão dos provérbios figurados e os respetivos significados em função de um contexto específico facultam elementos pertinentes para o esclarecimento de mecanismos de natureza cognitiva (como a abstração, a generalização, a inferência analógica e as extensões metafóricas), intrinsecamente relacionados com a interpretação semântica do valor negativo. Por isso, no terceiro capítulo, quisemos perspetivar algumas estratégias de abordagem pedagógica que poderão servir de exemplo para os professores de Português.

Da componente mais prática desta dissertação, ressalta a constatação de que o provérbio, sendo uma unidade gramatical simultaneamente reduzida e completa, tem um grande potencial comunicativo e facilmente se adequa a uma abordagem pedagógica, mais ou menos aprofundada, de acordo com os objetivos pretendidos, em qualquer domínio programático (gramatical, leitura, escrita ou educação literária).

Podemos considerar o provérbio, apenas, como uma unidade do sistema gramatical, independentemente da sua realização em enunciados concretos produzidos em situações particulares e, neste sentido, levar os alunos a identificar: classes, subclasses e aspetos de

flexão das palavras; constituintes sintagmáticos e respetivas funções sintáticas; tipos e formas de frase; ou ainda processos de formação de palavras.

No entanto, se pretendermos que os alunos identifiquem o conteúdo proposicional do provérbio, poderemos solicitar uma interpretação do enunciado, tendo em conta as propriedades semânticas que lhe permitem representar não apenas um evento concreto, descrito por um enunciado particular, mas todos os eventos com características similares, protagonizados pelo mesmo falante ou por falantes diferentes, em diversas situações. Proporcionando o contacto com o legado cultural, a escola reforça o seu papel de agente educativo e integrador, contribuindo efetivamente para a formação de uma identidade coletiva e para o diálogo intercultural.

Ao concluir o nosso estudo, verificamos que o sistema da negação não fica de modo algum esgotado na sequencialização que se apresenta nos documentos que orientam o ensino do Português, no entanto, não há, neste trabalho, qualquer intenção de contestar os pressupostos que estiveram na base dos atuais Programas e Metas Curriculares, ainda que façamos, sobre o assunto, uma análise crítica e consciente de alguns limites.

Importa-nos, acima de tudo, demonstrar que, embora não sendo, por si só, um conteúdo a abordar, em todas as suas possíveis realizações nem de forma exaustiva, nas escolas dos ensinos básico e secundário, a negação assume elevada importância quando se pede aos alunos que exponham a sua atividade mental, se posicionem face ao mundo que os rodeia, infiram e expressem conhecimento, por isso, é fundamental que sejam orientados para reconhecer, distinguir, nomear, aplicar e interpretar as operações que, numa língua natural como o português, permitem de alguma forma marcar o valor negativo, em termos morfossintáticos ou semântico-enunciativos.

Em última instância, caberá ao professor de Português utilizar a liberdade que os documentos orientadores do ensino lhe oferecem, para auxiliar os alunos a desenvolver competências linguísticas pertinentes, profícuas e eficazes, tornando-se hábeis e dignos utilizadores da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- **Gerais**

- Amor, E. (1997). *Didática do Português: fundamentos e metodologias* (4ª ed.). Lisboa: Texto Editora.
- Casteleiro, J. M. (2006). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (Vol. II). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- Catarino, A., Fonseca, C., Castiajo, I., & Peixoto, M. J. (2015). *Sentido 10, Português, 10º ano de escolaridade*. Lisboa: Edições Asa II, S.A.
- Cunha, C. & Cintra, L. F. L. (1989). *Nova Gramática da Língua Portuguesa* (6ªed.). Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- DGE (2015). Programa de Português do Ensino Básico. (homologação) DR., Despacho N.º 7442-D/2015, de 3 de julho.
- DGE (2014). Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Secundário. (homologação) DR., N.º 13, Suplemento, Série – II.
- Lopes, A. C. M. (1992). *Texto Proverbial Português: elementos para uma análise semântica e pragmática*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal.
- Marquilhas, R. (2013). Fenómenos de Mudança na História do Português. In *Gramática do Português* (Vol. I). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mateus, M. H. M., Duarte, I. & Faria, I. H. (1999). *Gramática da Língua Portuguesa* (4ª ed.). Lisboa: Editorial Caminho.
- Moreno, A. (2005). *Aspetos da Negação no Português - Uma Abordagem Enunciativa*. Dissertação de Doutoramento em Linguística (Semântica). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, Portugal.
- Neves, D. R. & Oliveira, V. M. (2001). *Sobre o texto: Contribuições teóricas para práticas textuais*. Lisboa: Edições Asa.
- Peres, J. A. (2013). Negação. In *Gramática do Português* (Vol. I). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Pinto, C. (2010). *A Negação Metalinguística e Estruturas com “nada” no Português Europeu*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal.
- Saussure, F. de. (1986). *Curso de Linguística Geral* (5ª ed.). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Sequeira, F. (1991). O Papel das Didáticas da Língua e da Literatura na Formação de Professores de Português. In *Atas do 2.º Encontro Nacional de Didáticas e Metodologias de Ensino*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Sousa, S. (2011). Contributos para o estudo da relação discursiva “refutação.” In *Textos selecionados do XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, (pp.549 - 557). Lisboa.
- Vasconcelos, C. M. (1986). Mil provérbios portugueses. *Revista Lusitana (Nova Série - 7)*, (pp.29 – 71).
- Veiga, M. L. (1991). Didática: da conceção às correntes que a integram. In *Atas do 2.º Encontro Nacional de Didáticas e Metodologias de Ensino*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

- **Fontes documentais**

- Dicionário de Provérbios, adágios, ditados, máximas, aforismos e frases feitas*. (2000). Porto: Porto Editora.
- Machado, J. P. (1998). *O Grande Livro dos Provérbios* (2ª ed.). Lisboa: Editorial Notícias.
- Moreira, A. (1997). *Provérbios Portugueses* (3ª ed.). Lisboa: Editorial Notícias.

ANEXO

Os provérbios que se encontram em anexo correspondem ao *corpus* do trabalho e são apresentados por ordem alfabética. Após cada provérbio, segue-se o número que remete para ordem pela qual este é apresentado no decurso do estudo.

Corpus de provérbios

- A balança quando trabalha não reconhece ouro nem chumbo. (36)
- A cavalo dado não se olha o dente. (58)
- A morte não escolhe nem reis nem pobres. (35)
- A quem é rico não faltam parentes. (1)
- A quem quer nada é difícil. (15)
- A vantagem de quem sabe está na ignorância de quem não sabe. (56)
- A vida mal passada faz a velhice pesada. (50)
- Acabou-se a festa, desarmou-se a igreja. (38)
- As mulheres de certa idade nunca têm idade certa. (28)
- Depressa e bem há pouco quem. (59)
- Desconfia daqueles a quem tiveres feito o bem. (39)
- Desconfiar de ladrão não é pecado. (2)
- Desconfiar de todos é triste vida. (37)
- Desmentir sem razão é bofetada sem mão. (40)
- Em casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão. (33)
- Galgo que corre a duas lebres não apanha nenhuma. (60a)
- Homem rico nunca é feio. (10)
- Infeliz ao jogo, feliz aos amores. (41)
- Jamais serão boas, a couve requentada e a mulher a casa tornada. (11)
- Mal por mal, antes na cadeia que no hospital. (51)
- Moças, flores e fitas, não há feias nem bonitas. (9)
- Na desconfiança é que está a segurança. (42)
- Na falta de capão, cebola e pão. (55)
- Nada duvida quem nada sabe. (13)
- Nada é eterno nem mesmo os nossos problemas. (64)
- Nada escapa aos homens senão o vinho que as mulheres bebem. (14)
- Não devas a quem deveu nem sirvas a quem serviu. (6)
- Não há bem que sempre dure nem mal que nunca acabe. (47)

Não há fartura que não traga fome. (66)
Não há fome que não dê em fartura. (Var.) (65a)
Não há fome que não traga fartura. (65)
Não há fumo sem fogo. (75)
Não há função nem brincadeira que não acabe em bebedeira. (67)
Não há ganho sem trabalho. (76)
Não há gosto que não custe. (68)
Não há luar como o de janeiro nem amor como o primeiro. (7)
Não há mal que sempre dure nem bem que não se acabe. (48)
Não há missa sem sacristão. (79)
Não há nada como um dia atrás do outro. (16)
Não há nada que o ouvido do ciúme não ouça. (17)
Não há nada tão forte que o não derrube a morte. (57)
Não há ninguém que não carregue a sua cruz. (34)
Não há omeletes sem ovos. (80)
Não há pastor sem rebanho. (81)
Não há proveito sem custo. (69)
Não há quarenta sem zero. (82)
Não há regra sem exceção. (71)
Não há rifão velho se é dito a propósito. (78)
Não há roca sem fuso. (74)
Não há rosas sem espinhos. (72)
Não há sacos sem fundo. (73)
Não há subida sem descida. (70)
Não há talho sem trabalho. (77)
Não se faz omelete sem ovos. (Var.) (80a)
Nem o bem é eterno nem o mal duradouro. (8)
Nem sempre o que luz é ouro. (25)
Nem sempre o que parece é. (24)
Nem todo o homem sabe sê-lo. (23)

Nem todos os que vão à guerra são soldados. (21)

Nem tudo o que vem à rede é peixe. (22)

Ninguém é rei na sua terra. (32)

Ninguém faz omelete sem ovos. (Var.) (80b)

Ninguém foge ao seu destino. (31)

Nunca façás nada sem consultar a almofada. (29)

Nunca falta texto para uma panela. (27)

Nunca ninguém enriqueceu a fazer trocos. (12)

Nunca peças a quem pediu nem sirvas a quem serviu. (26)

O amor próprio é o maior inimigo da verdade. (43)

O bem não dura e o mal chega. (49)

Para mal falar antes calar. (52)

Por cima de comer nem um escrito ler. (18)

Pragas com razão nem se rogam a um cão. (20)

Preso, nem para comer doce. (19)

Quando a esmola é muita, o santo desconfia. (44)

Quando o dinheiro fala, a verdade cala. (46)

Quem corre a duas lebres não apanha nenhuma. (60)

Quem deixa de ser amigo nunca o foi. (30)

Quem foi infiel uma vez sê-lo-á duas ou três. (45)

Quem o herda não o furta. (3)

Quem serve a todos não serve a ninguém. (61)

Quem tudo dá tudo nega. (54)

Quem tudo quer nada tem. (63)

Quem tudo quer tudo perde. (53)

Quem vive à toa não tem tempo para nada. (62)

Sem ovos não se fazem omeletes. (Var.) (80c)

Sem ser convidado, não vás a bodas nem a batizados. (5)

Só não se acaba o que nunca se começa. (4)